



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA**

MARIA DE LOURDES BARBALHO

**A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO FRENTE À REGÊNCIA DOS
VERBOS IR E CHEGAR ATRAVÉS DAS VARIANTES A, EM, PARA, PRA.**

LONDRINA

2003

MARIA DE LOURDES BARBALHO

**A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO FRENTE À REGÊNCIA DOS
VERBOS IR E CHEGAR ATRAVÉS DAS VARIANTES A, EM, PARA, PRA.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito final para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professora Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino.

LONDRINA

2003

MARIA DE LOURDES BARBALHO

**A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO FRENTE À REGÊNCIA DOS
VERBOS IR E CHEGAR ATRAVÉS DAS VARIANTES A, EM, PARA, PRA.**

**Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção de título de Mestre no
Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina.**

BANCA EXAMINADORA

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

Alba Maria Perfeito

Marilurdes Zanini

Londrina, 19 de fevereiro de 2004

DEDICATÓRIA

A Deus e aos homens de boa vontade.

A Deus, por nos dar a vida e aos homens de boa vontade, por nos ajudar a melhor vivê-la.

AGRADECIMENTOS

“Dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo” – Efésios 5:20.

Aos meus pais, João e Laurinda, e a minha irmã, Dalva pela amor e apoio dispensados.

Ao Laércio, hoje, meu marido, que durante estes anos tem me dado todo o carinho e confiança para continuar, sempre.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Sonia Maria Lazzarini Cyrino, responsável pela abertura de um novo caminho para que eu pudesse concluir, com êxito, este trabalho.

Ao Professor Dr. Ismael Pontes pelo incentivo inicial à realização desta pesquisa.

À Professora Dra. Alba Maria Perfeito cujas palavras de incentivo foram valiosas.

Aos meus grandes amigos Rogério Góes, Neuza Luizão e Eliane Buranello e Paulo Dante por todas as conversas alegres que jamais esquecerei.

Aos alunos das 1^a e 3^a séries - ano 2003, do Colégio Estadual Olavo Bilac- Ensino fundamental e médio pela participação como sujeitos colaboradores.

À diretora Zenaide Mazzei e sua supervisora geral, Conceição Brugnara, pelos gestos de apoio e amizade.

*“Um homem só pode
descobrir novos oceanos se tiver a
coragem de perder a terra de vista...”*

*(Autor
desconhecido)*

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo sistematizar a percepção dos alunos frente às variantes **a**, **em**, **para**, **pra** que regem os verbos Ir e Chegar. Toma como base enunciados coletados de entrevistas aos alunos e pesquisados por eles em programas de televisão. Trata do assunto baseando-se nos traços semânticos que determinam o uso de uma ou de outra variante. Em essência, são utilizados os pressupostos teóricos da “Teoria da Variação”. Busca-se reforçar que o ensino das teorias gramaticais pode tornar-se mais eficiente quando se parte, em primeira instância, do saber lingüístico internalizado do aluno. Descrevemos como principal objetivo desta pesquisa uma descrição sistemática das escolhas lingüísticas dos alunos de 1ª e 3ª séries do ensino Médio, quanto à regência dos verbos Ir e Chegar com as preposições **a**, **em**, **para** e **pra**, de maneira que possamos investigar a possível interferência de fatores lingüísticos e extralingüísticos na *percepção* de uma ou de outra variante como “a mais correta”, “a mais fácil de entender”, “a mais freqüente na fala dos outros” e “a mais freqüente em sua fala”. Para concluir informamos que tanto os fatores lingüísticos quanto extra lingüísticos podem ter atuado como condicionantes no processo de *percepção* dos sujeitos, ao serem expostos à eleição das variantes **a**, **em**, **para** e **pra**.

Palavras-chave: Alunos, variação lingüística, percepção das variantes, preposição, regência.

ABSTRACT

This research has as objective to systematize the perception of the students in face of the variants a, para, em, pra govern the verbs Ir Chegar. It's based on collected researched by the students in television programs. It deals with the matter basing on the semantic features that determine the use of one or the other variant. In essence, the theoretical presuppositions of the "Theory of the Variation" are used. The aim to reinforce that the teaching of grammatical theories can become more efficient when it, in first instance, the internalized linguistic knowledge. We describe how the main objective of this research a systematic description of the linguistic choices of the students from 1^a and 3^a series of high school about the govern of the verbs Ir and Chegar with the prepositions a, em, para and pra so that we may investigate the possible interference of linguistic and extra linguistic factors in the perception of one or other variant like "the most correct", "the easiest to understand", "the most frequent in the speech of others" and "the most frequent in your speech". We inform, to conclude, that as the linguistic factors as extra linguistic may have acted like condition in the process of perception of the subject when on view to the election of the variants.

Key-words: students, linguistic variants, preposition, govern, perception of variation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Número de sujeitos dos períodos Matutino e Noturno	53
Tabela 02 – Verbo Ir- Período Matutino- Resultado Geral da eleição	64
Tabela 03 – Verbo Ir – Período Noturno- Resultado geral da eleição	64
Tabela 04 – Verbo Chegar- Períodos Matutino e Noturno- Resultado geral da eleição.....	66
Tabela 05 – Grupo 1- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos	69
Tabela 06 – Grupo 1 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos.....	70
Tabela 07 - Grupo 2- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos	71
Tabela 08 – Grupo 2 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços lingüísticos	72
Tabela 09 – Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos	73
Tabela 10 – Grupo 3 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços lingüísticos	75
Tabela 11 – Grupo 4- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos	76
Tabela 12 – Grupo 4 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços lingüísticos	77
Tabela 13 – Grupo 5- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos	79
Tabela 14 – Grupo 5 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos.....	80
Tabela 15 – Grupo 6- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos	81
Tabela 16 – Grupo 6 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos.....	82

Tabela 17 – Grupo 7- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos	83
Tabela 18 – Grupo 7 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos.....	84
Tabela 19 – Grupo 8- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos	85
Tabela 20 – Grupo 8 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos.....	86
Tabela 21 – Resultado Final - Variável Escolaridade	88
Tabela 22 - Resultado Final - Variável Faixa Etária.....	91
Tabela 23 – Resultado Final - Variável Sexo.....	93
Tabela 24 – Resultado Final - Variável Período	94
Tabela 25 – Resultado Final - Variável Grau de Definitude	98
Tabela 26 – Resultado Final - Variável Configuração nos Espaço	100
Tabela 27 – Resultado Final – Variável - Noções de [+permanência] e [-permanência]	102

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos das preposições	19
2.2 A questão da variação das preposições A, PARA, EM, PRA segundo alguns gramáticos	26
2.3 Estudos recentes sobre a variação das preposições A, EM, PARA e PRA – um recorte	31
2.4 Teoria nuclear – traços semânticos das preposições A, PARA E EM	38
2.5 A relevância dos condicionamentos não lingüísticos.....	47
3 A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO FRENTE AS VARIANTES A, PARA, EM E PRA- A PESQUISA	51
3.1 Seleção e descrição dos sujeitos	51
3.2. Procedimentos	53
3.3 Instrumento da pesquisa	57
3.4 Método de análise	61
3.5 Análise.....	62
3.5.1 Contagem Geral Dos Votos	63
3.5.2 Relevância das variáveis para a escolha das A, EM, PARA e PRA.....	67
3.5.2.1 Verbo Ir	68
3.5.2.2 Verbo Chegar	78
3.5.3 Probabilidade Das Variáveis Lingüísticas e Não Lingüísticas	87
3.5.4 Variáveis não lingüísticas – Resultado final	87
3.5.4.1 Escolaridade.....	87
3.5.4.2 Faixa Etária	91
3.5.4.3 Sexo	93
3.5.4.4 Período	94
3.5.5 Variáveis lingüísticas: Traços Semânticos – Resultado final.....	97
3.5.5.1 Grau De Definitude	97

3.5.5.2 Configuração No Espaço.....	99
3.5.5.3 Noções De [+Permanência] E [-Permanência].....	101
3.6 Índice de relevância das variáveis.....	104
4 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS.....	106
5 CONCLUSÃO	112
BIBLIOGRAFIA	118
ANEXOS	121
ANEXO 1 – Lista de Enunciados para a Votação	122
ANEXO 2 – Ficha de Votação	124
ANEXO 3 – Tabela discriminada das Variáveis Lingüísticas: Escolaridade, Período, Sexo, Faixa Etária.....	125
ANEXO 4 – Tabela Geral dos Fatores Não Lingüísticos	141

1 INTRODUÇÃO

Como falantes da língua portuguesa, é comum nos depararmos com situações em que a língua se apresenta sob uma forma bastante diferente daquelas que nos habituamos a ouvir em ambiente doméstico, profissional, meios de comunicação, no que se refere a seus aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais ou fonéticos.

É comum que as manifestações de natureza fonológica e morfossintática entrem em conflito com as regras da língua falada e escrita da norma culta, embora possuam valor de significado rumo ao entendimento, o que garante a viabilidade no processo comunicativo. Exemplo disso é a regência verbal de Ir e Chegar: “Vou **à** missa”. “Vou **na** missa”. “Vou **para** missa”. “Vou **pra** missa.” “Cheguei **em** sua casa rapidinho”. “Cheguei **a** sua casa rapidinho”.

Sem dúvida, é visível a situação de que as quatro preposições **a**, **em**, **para** e **pra** convivem no português brasileiro, apesar de a primeira delas parecer, em muitos casos, estrangeira a algumas pessoas, especialmente às consideradas menos cultas. E, mais que isto, a última delas não tem sido referenciada em trabalhos científicos como autônoma da forma **para**.

Conquanto se prenam basicamente a uma investigação intraracional, as preposições devem ser investigadas, cada uma delas como um importante nó no processo de construção e reconstrução do significado rumo à busca dos efeitos de sentidos. Todavia, na seqüência normal dos conteúdos, em sala de aula, as preposições, de maneira geral, são apenas destacadas, quando se trabalha a questão da transitividade dos verbos.

Geralmente, o professor dá ênfase à concordância verbal, deixando de aprofundar-se nas relações que se estabelecem a partir das preposições. Pouco se fala em regência, apenas como erro de aplicação das regras na produção de textos escolares e nos concursos vestibulares. Isso se reflete na prática de um ensino meramente acrítico da gramática tradicional. Na prática, o reflexo é a diminuição acentuada da auto-estima lingüística dos alunos, à medida que sentem desvalorizada sua forma de identidade mais autêntica, ou seja, a linguagem. Isto porque, em muitas situações, não existe a consciência por parte dos docentes de que muitos dos problemas reais dos alunos se devem ao fato de que as estratégias de ensino são ineficazes ou sem sentido, não permitindo, assim, despertar o interesse do educando.

Contudo, nada adianta lamentarmos o fato de que os alunos falam ou escrevem desta ou daquela maneira e, portanto, que seu saber lingüístico esteja mais ou menos distanciado do padrão que se almeja atingir nos onze anos de permanência de ensino fundamental e médio nos bancos escolares. É preciso considerar que o cenário que se descortina no atual contexto educativo brasileiro permite constatar o panorama vivido, na escola, entre os alunos de uma mesma sala, sem que o docente dirija uma atenção especial a estas situações, com vistas a engatilhar uma discussão mais sistematizada sobre a questão.

É pertinente o conhecimento de que, desde Labov (1966), autores como Castilho (1988), Neves (2002), Possenti (2000), Abaurre (2001), Bagno (2001), e muitos outros vêm discutindo a concepção de que as línguas devem ser entendidas como sistemas dinâmicos e extremamente sensíveis a vários fatores de ordem lingüística e extralingüística como Sexo, Escolaridade, Faixa Etária, a Classe Social dos falantes, Grau de Formalidade do contexto, entre outros. Aliado a isso, os

Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) orientam sobre a necessidade de aproveitarmos as contribuições espontâneas dos alunos, ou seja, seu conhecimento lingüístico, o qual é representado, neste caso, pela sua gramática internalizada. Conhecimento que, ao contrário do que acreditam os professores mais tradicionais, não se encontra em estado caótico, mas pode ser, também, sistematizado.

Outra questão considerada por nós reside no esforço concentrado da escola em relação ao culto às estratégias de domínio da língua escrita. Ou seja, parte apreciável das atividades pedagógicas consiste precisamente em escrever, e quase nenhuma ênfase é dada à prática da oralidade. Em conseqüência, a própria fala acaba relegada a poucas oportunidades de relatos de experiências, sem que os parâmetros gramaticais e discursivos sejam cobrados de forma sistemática. Isto significa que, para a escola, a fala representa um discurso próximo do espontâneo e não-planejado, enquanto a escrita escolar é sempre objeto de cuidadoso planejamento.

Em direção oposta, Marcuschi (2001) expõe que oralidade e escrita são duas modalidades de uso da mesma língua, mostrando que ambas são sistemáticas, regradas, valiosas e capazes de expressar tudo o que podemos pensar. O autor defende que a relação entre elas se dá em um contínuo fundado nos próprios gêneros textuais em que se manifesta o uso da língua no dia a dia.

Todas estas questões vêm se tornando mais intensas e consistentes no intercâmbio de vozes com o conhecimento teórico-metodológico adquirido neste curso de Mestrado. À medida que tais reflexões vão se aprofundando, cria-se um ambiente mais que adequado ao desenvolvimento de uma pesquisa voltada às questões da variação lingüística e ao ensino de Língua Portuguesa. Por conta disso,

investir em um instrumento, ou seja, um *corpus* que privilegia tanto a escrita quanto a oralidade, isto é, um *continuum* existente entre ambas.

Tratamos mais especificamente da regência dos verbos Ir e Chegar indicando movimento por meio das preposições **a** e **para**. E, mais que isto, acreditamos que, se voltarmos nossa atenção, também, à variante **em** e acrescentarmos a este paradigma a forma reduzida **pra**, estaremos formulando a hipótese quanto à possibilidade de ampliar o paradigma já sistematizado sobre este fenômeno.

Nesta pesquisa, utilizamos como *corpus* oito enunciados, quatro deles transcritos da linguagem oral dos alunos do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual “Olavo Bilac” da cidade de Cambé-Pr, e os outros quatro pesquisados em programas de televisão, correspondentes a enunciados dos tipos mais formal e menos formal. Fazemos uso de ocorrências encontradas no “Jornal Nacional”, “Paraná TV”, “Jornal da Record”, “Jô Soares, onze e meia ” e “A hora da Verdade”.

Para justificar a escolha, retomamos Labov (1972), quando sugeriu a validade em obter e sistematizar dados oriundos de programas televisivos, com o cuidado de se observar que, em alguns casos, o estilo de fala é mais formal do que em uma situação face a face.

Descrevemos como principal objetivo desta pesquisa uma descrição sistemática das escolhas lingüísticas dos alunos de 1^a e 3^a séries do ensino Médio, quanto à regência dos verbos Ir e Chegar com as preposições **a**, **em**, **para** e **pra**, de maneira que possamos investigar a possível interferência de fatores lingüísticos e extralingüísticos na *percepção* de uma ou de outra variante como “a mais correta”, “a

mais fácil de entender”, “a mais freqüente na fala dos outros” e “a mais freqüente em sua fala”.

Com o retorno dos resultados ao contexto educacional, local onde atuamos como professores de Língua Portuguesa, nossa meta consiste em contribuir para que o corpo docente desta disciplina reveja sua visão quanto à importância de conhecermos a *percepção* dos alunos sobre os fenômenos de variação, com o objetivo maior que é contribuir para o bom andamento do processo ensino-aprendizagem.

Na prática, sob o construto teórico de Labov (1972), efetuamos uma adaptação das propostas metodológicas divulgadas por Mollica (1989) e Bagno (2001), ao procederem uma eleição com as variantes. Nesse aspecto, para melhor compreensão do assunto abordado no estudo, no capítulo I constam uma abordagem sobre os aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos das preposições; uma discussão a respeito da variação das preposições **a**, **em**, **para** e **pra**, segundo alguns gramáticos; um recorte de algumas pesquisas científicas existentes sobre o tema em foco, uma descrição da teoria nuclear que rege esta pesquisa; e, ainda a relevância dos condicionamentos não lingüísticos Sexo, Escolaridade, Faixa Etária e Período.

No capítulo 2, descrevemos a seleção e descrição dos sujeitos, os procedimentos, o instrumento e método da pesquisa, bem como a análise a qual é subdividida em três partes. Em primeira instância, divulgaremos, em percentuais, o panorama geral do resultado da eleição sobre as possíveis regências dos verbos Ir e Chegar em relação à “variante mais correta”, “a mais fácil de entender”, “a mais freqüente na fala dos outros” e “a mais freqüente na fala dos alunos”, independentemente dos fatores. Depois, é desenvolvida a análise dos resultados

obtidos em cada enunciado, distintamente, considerando o percentual de relevância das variável lingüística Configuração no Espaço, [+fechado] [-fechado]; o Grau de Definitude [+definido] [-definido] descritas por Mollica (1989), as noções de [+permanência] e [-permanência] apregoadas pela gramática tradicional e as não lingüísticas Sexo, Faixa Etária, Escolaridade e Período.

Finalmente, utilizando o programa VARBRUL¹, tomamos como base o peso relativo de cada variante, a fim de analisarmos as probabilidades quanto aos fatores lingüísticos e não lingüísticos que influenciaram as escolhas dos alunos.

Antes da conclusão, no capítulo 3, tecemos algumas implicações pedagógicas, as quais perpassam a realização do estudo sobre o tema proposto inicialmente.

¹ VARBRUL- Programa computacional capaz de identificar não só os fatores que favorecem ou inibem uma regra como também possibilita uma série de inferências com respeito ao grau da participação de cada um dos grupos de fatores. Suas aplicações e instruções de uso estão apresentadas em Scherre (1992).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos das preposições

Damos início a esta dissertação com algumas transcrições teóricas sobre o tema em foco, ressaltando as questões essenciais que envolvem o conteúdo a ser discutido posteriormente.

Ao tratarem sobre a função das preposições, os gramáticos Terra e Nicola (1997), Cegalla (1972), e Almeida (1973) são unânimes ao definirem-nas como conetivos que desempenham funções de ligação entre as palavras: substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo.

Almeida (1973) reitera que, na ordem em que costumam aparecer em português os termos de uma oração, a preposição vem colocada entre os dois termos por ela ligados. Algumas vezes, no entanto, o conseqüente deixa de vir logo depois da preposição:

1) “*Fiz isso pensando em, dado o que ele disse, aliviar a situação de angústia em que se encontrava*”.

O termo *aliviar* não veio logo depois da preposição **em**, da qual é conseqüente.

Com maior freqüência, o antecedente deixa de preceder a preposição: “*Sobre isso não quero falar*”. A preposição **sobre**, por causa da colocação dos termos, deixou de vir entre falar (antecedente) e isso (conseqüente).

Terra (2002) adverte que elas podem aparecer combinadas com outras palavras. Quando não houver alteração fonética, teremos *combinação* e, caso

a preposição sofra redução, segundo o autor, teremos *contração*. O autor exemplifica:

Combinação

AO (A+ O)

AOS (A+ OS)

AONDE (A+ ONDE)

Contração

do (de+o)

dum (de+um)

desta (de+esta)

no (em+o)

(em+um) neste

(em+ este)

Almeida (*op. cit*) descreve que a preposição pode se fundir com um outro a (ou as). Essa fusão de dois **as** é indicada pelo acento grave e recebe o nome de crase. Segundo ele, no padrão formal-culto, não se deve contrair a preposição de com o artigo que encabeça o sujeito de um verbo. Reforça a idéia de que esta regra vale também para a segunda construção.

2) *Está na hora **de** a onça beber água. (e não: Está na hora da onça beber água)*

Cunha e Cintra (1985) e Macambira (1978) descrevem que, quanto à forma, elas podem ser simples, quando expressas por um só vocábulo e, compostas (ou locuções prepositivas), se constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma preposição simples (geralmente **de**). Para eles, as preposições simples são entendidas como aquelas também denominadas essenciais, ou seja, *a, ante, após, até, com, contra, de desde, em, entre, para, perante, por (per), sem, sob, sobre, trás*. Estas se distinguem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam, às vezes, como preposições e, por isso, são chamadas de acidentais. Entre elas estão *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, menos, não obstante, segundo, tirante, visto etc*. Continuam informando que, em se tratando da significação das preposições, a relação que se estabelece

entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento, não movimento ou uma situação daí resultante. Nos exemplos “Vou **a** Roma”, “Todos saíram **de** casa” a idéia de movimento está presente.

Cunha e Cintra (*op. cit*) enunciam, também, que as preposições podem ser, inclusive, marcadas pela ausência de movimento. Neste caso, há outras relações que as preposições **a**, **de** e **com** estabelecem nas seguintes frases:

3) “Chegaram **a** tempo”.

4) “Chorava **de** dor”.

5) “Estive **com** Pedro”.

6) “Concordo **com** você.”

Segundo os autores, tanto o movimento quanto a situação, termo utilizado para indicar a falta de movimento na relação estabelecida, podem ser considerados como referência ao espaço, ao tempo e à noção. Enfim, os gramáticos concluem que esta subdivisão possibilita a análise do sistema preposicional em português, sem que seja necessário levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto em que as preposições vêm inseridas. Esses autores tratam, ainda, do conteúdo significativo e funcional das preposições sob a base da concepção de que a maior ou menor intensidade significativa das preposições depende do tipo de relação sintática, que pode ser fixa, necessária ou livre, por ela estabelecida.

Em primeiro lugar, estão as relações fixas que ocorrem nas situações em que o uso associa de tal forma as preposições a determinadas palavras (ou grupo de palavras), que esses elementos não mais se desvinculam, passando a constituir um todo significativo, uma verdadeira palavra composta. Nesses casos, os estudiosos afirmam que a primitiva função relacional e o sentido

mesmo da preposição se esvaziam profundamente, vindo a preponderar, tanto na organização da frase como no valor significativo, o conjunto léxico resultante da fixação da relação sintática preposicional. Para ilustrar, sugerem o exemplo abaixo:

7) *“O rapaz entrou **no** café da Rua Luís de “Camões”. (C. Drummond de Andrade)..*

Segundo Cunha e Cintra (1985), existem orações em que as preposições relacionam ao termo principal um conseqüente sintaticamente necessário. Em tais situações, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo de seu conteúdo significativo, reduzido, então, aos traços característicos mínimos. Daí o relevo, no plano expressivo, da relação sintática em si. Alguns dos seus exemplos são:

8) *vontade **de** Deus (substantivo + complemento nominal).*

9) *fui **a** Cambridge (verbo + adjunto adverbial necessário).*

O terceiro tipo de relação, denominado de “livre”, é marcado pela presença da preposição (possível, mas não necessária sintaticamente). O emprego desse tipo de preposição é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir na construção sintática a plenitude de seu conteúdo significativo, conforme o exemplo:

10) *Encontrar **com** um amigo. / Encontrar um amigo.*

Quanto aos valores das preposições, para a preposição **a**, Cunha e Cintra (op cit) indicam a noção de movimento, quando significa direção a um limite no espaço, no tempo e na noção. Também para a preposição **em**, são registrados os valores de movimento quando denotam superação de um limite de inferioridade, alcance de uma situação dentro do espaço e tempo e noção. Além das preposições **a** e **em**, a preposição **para** ainda indica movimento. Isto significa tendência para um

limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de **a** por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da idéia de direção sobre o término do movimento no espaço, no tempo e na noção.

Silveira (1960) informa que a preposição **a** indica, entre outras coisas, as seguintes relações:

- a) o tempo de um movimento, de uma extensão ou de um transcurso de tempo;
- b) o tempo em que a coisa acontece;
- c) o tempo habitual, ocasião periódica: aos domingos, às 2^a feiras, etc;
- d) fim ou destino;
- e) agente físico a que alguém ou alguma coisa está exposta;
- f) proximidade, contigüidade (às vezes envolvendo a idéia de ocasião, lugar ou ação habitual).

Ao tratar da preposição **a**, o autor não mencionou a possibilidade do uso das preposições **em** ou **para** em quaisquer dos exemplos, exceto ao tratar das relações de instrumento, meio e modo. Segundo o gramático, pode se incluir nesta classe o seu emprego com os verbos *limpar*, *enxugar*, *assoar*. Citou exemplos citados por Mário Barreto, à página 277 do seu livro “Através do Dicionário e da Gramática”, todos, de origem literários, do escritor Camilo Castelo Branco.

11) “*Depois, levantou-se, limpou as facas **às** mãos da camisa...*”

A tendência brasileira, neste caso, é a favor da preposição **em**:

12) “*Limpou as mãos **no** vestido, sem achar o que dizer*”. (Ribeiro Couto, *Cabocla*)

Porém, orienta para que conservemos o bom uso português na frase feita: “limpar as mãos **à** parede”.

Almeida (1973) discute que as preposições não possuem significações intrínsecas, próprias, mas relativas, dependentes do verbo com que são empregadas, e só o trato constante dos bons autores nos pode habituar no manejo correto, elegante e vivido dessas importantes partículas. Sob os pressupostos do gramático, o número de preposições existente em nosso idioma é pequeno. Ele contou dezesseis propriamente ditas. Disso, resulta ora o emprego de preposições diferentes com idêntico sentido, ora de uma preposição com significados diferentes.

Portanto, Almeida (*op. cit*) ressalta que aluno não deve estranhar que a preposição **a** em uma frase signifique **por**, e que a mesma preposição, em outro contexto, signifique **para**. Acrescenta, ainda, que este aspecto é notado por não poderem receber marcas flexionais e apresentarem-se sempre com a mesma forma, independentemente do contexto.

Segundo Macambira (1978), sob o aspecto mórfico, as preposições não têm flexão no português e, por isso, podem ser classificadas pelos critérios sintático e semântico. Isto significa que a morfologia se dedica ao estudo das palavras, tomando-as como ente isolado e completo em si mesmo, preocupando-se apenas com a estrutura das palavras, suas flexões e sua classificação. Contudo, frisa que, em português, há quem flexione incorretamente a locução prepositiva “**em que pese a**”, deformada por vezes “**em que pesem**”. Outra locução que se flexiona, até na pena de outros consagrados, é **a não ser**, cujo sentido é “menos” ou “exceto”.

Abaurre (2001) elenca algumas das noções fundamentais para a compreensão dos enunciados. Exemplificando:

a: lugar, tempo, modo;

até: lugar, tempo;

com: companhia, modo;

de: posse, qualidade, especificação;

em: lugar, tempo, modo;

para: finalidade, lugar;

por: lugar, tempo, finalidade;

sobre: assunto, posição de superioridade com relação a determinado lugar no espaço.

Bechara (2000) chama a preposição de unidade lingüística desprovida de independência, isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe² e, em geral, átona, juntando-se a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que ela desempenha no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

Considerando que tudo na língua é semântico, o gramático confirma que as preposições não fazem exceção. Para o estudioso, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem de nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo. Esse processo permite-nos dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária. Assim, conclui que não se deve perder de vista que, na relação dos “significados” das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação. Do ponto de vista semântico,

² Hipertaxe ou superordenação - é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só, isto é, combinando-se com zero, em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato de texto e aí se opor a unidades próprias desse novo estrato. Nas retomadas de texto anterior, e na metalinguagem, as palavras morfemáticas, isto é, de significação puramente instrumental como as preposições, podem-se superordenar no nível da oração e do texto.

o sistema preposicional do português está dividido em dois planos centrais: um que se caracteriza pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados ambos, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.

Ao se evidenciar a importância das relações semânticas inerentes às preposições, vem à tona a idéia sobre variação lingüística, haja vista que, dependendo do contexto, uma ou outra variante poderá ser usada. Diante disso, consideramos oportuno retomar algumas das posturas impostas pelos gramáticos, no que tange a esta nuance.

2.2 A questão da variação das preposições A, PARA, EM, PRA se segundo alguns gramáticos

Até o presente momento, descrevemos um estudo teórico sobre a classe gramatical preposição. A seguir, discorreremos sobre algumas abordagens dadas pelos gramáticos sobre a variação existente quanto ao uso das formas **a**, **em**, **para** e **pra**. Logo após, apresentaremos as idéias principais de algumas das pesquisas mais recentes a respeito desse fenômeno de variação.

Em geral, poucos são os gramáticos que tratam das regras variáveis do fenômeno relacionado à regência dos verbos Ir e Chegar. Das leituras realizadas, consideramos os que vêm a seguir.

Almeida (1973) acentua que, cada vez mais, em nossa língua, persiste a tendência a colocar a preposição **a** em grande número de expressões.

Assim é que se diz:

13) “*Está a (consoante) o meu gosto.*”

14) “**A** (segundo) meu modo de ver”.

15) “**A** (em) 8 de janeiro.

16) “Ele segue **a** (por) mandado do chefe”.

Para ele, quem emprega as preposições, sem critérios, incorre em perigo de praticar galicismos. Constituem francesismos os seguintes empregos de **a**: “Sopa **a** tomate” em vez de “Sopa **de** tomate”. “Falar **ao** telefone” em vez de “Falar **no** telefone”. “Tocar **ao** piano” em vez de “Tocar **no** piano”. São igualmente gaulesas expressões como: “Há muitos pontos **a** esclarecer” em vez de “Há muitos pontos **para** esclarecer”.

De acordo com esse gramático, a preposição **a** tanto pode indicar quietação, estada num lugar, como movimento para um lugar.

17) “Estávamos **à** (=na janela)”. (quietação, estada, lugar onde).

18) “Dirigimo-nos **à** (para a) janela”. (movimento, lugar para onde).

O autor nota que a preposição **para** tem emprego, muitas vezes, idêntico ao da preposição **a**: Disse **a** (para) você. Dei **ao** (para) meu irmão. Com os verbos Ir e Vir, a preposição **a** denota transitoriedade de movimento, ao passo que **para** indica permanência ou destino:

19) “Vamos **à** Argentina” (ir a passeio, ir para voltar).

20) “Carlos foi **para** os Estados Unidos” (foi fixar residência).

Não devemos usar a preposição **em** com verbos de movimento, porquanto **em** indica lugar onde; “ir **ao** colégio” e não “ir **no** colégio”. “Chegar **a** um lugar” e não “chegar **em**”; “chegamos **ao** Rio”, “Cheguei **à** casa dele”, “cheguei tarde **a** casa”, “o avião chegou **ao** campo”. O mesmo se diga do substantivo chegada: por

ocasião da sua chegada **a** Recife (e não: chegada **em** Recife). Constituem exceção desta regra alguns verbos, como ingressar: “*Ingressar no* seminário”.

Bechara (2000), ao descrever os usos da variante **em**, explica que, sem maior exame, tem-se condenado o seu emprego como em “vir em auxílio” como um *galicismo*.

Ao tratar da morfossintaxe da preposição, Terra (2002) reforça que o papel da preposição é estudado por ele nos capítulos sobre regência verbal e nominal. O autor concebe regência como a parte da gramática que trata das relações entre termos das frases, verificando como se estabelece a dependência entre eles. Frisa que alguns verbos causam dúvidas de regência devido ao desacordo entre o uso popular e a norma culta; outros porque possuem mais de um sentido e, conseqüentemente, mais de uma regência.

Terra (*op. cit*) discute o princípio de que os verbos considerados intransitivos são sozinhos, não possuem sentido completo e, devido a isto, reclamam complemento. Assim, passam a exigir adjuntos adverbiais, chamados por alguns gramáticos de complemento circunstancial, uma vez que tais adjuntos têm caráter obrigatório.

Além disso, reforça a concepção de que, na linguagem do dia a dia, é comum observarmos que construções com tais verbos não são aceitas pela norma culta, já que se emprega uma preposição no lugar de outra. É o que ocorre em construções com os verbos Ir e Chegar. Embora freqüentes na linguagem popular, não são aceitas na culta construções como:

21) “*Amanhã vou no cinema*”.

22) “*Aos domingos, costumamos ir na missa*”.

23) “*Cheguei na escola atrasado*”.

24) *“Finalmente chegamos **na** praia que procurávamos”.*

Em tais construções, a norma culta determina que o adjunto adverbial seja introduzido pela preposição **a** e não pelo **em**. Para finalizar, ele afirma que, na linguagem culta, o verbo **ir** deve ser empregado com preposição **para** quando o sentido é de “*dirigir-se com intenção de permanecer*”.

25) *“Ganhei uma bolsa de estudos, por isso vou **para** Alemanha estudar engenharia”.*

Ao tratarem dos valores a respeito da preposição **em**, Cunha e Cintra (1985), Bechara (2000) e Nicola (1997) apontam como primeiro e principal sentido da preposição **em** o significado de “lugar onde”, enquanto **a** e **para** denotam, especialmente, o valor de movimento para ambas e o de finalidade para a preposição **para**.

Sacconi (1988) descreve que a preposição **para** dá idéia de estado permanente ou definitiva, ao contrário da forma **a**, que exprime breve regresso. Explica dizendo que, de fato, vamos **para** o céu, **para** o inferno, etc e não **ao** céu, **ao** inferno, porque de tais lugares não há regresso.

Dos autores consultados, apenas Cegalla (1972) informa que a preposição **em** deve ser utilizada para indicar tempo ou meio de transporte:

26) *“Ele irá chegar **em** duas horas”.*

27) *“Acabaram de chegar **num** avião de carga”.*

Opondo-se às abordagens acima descritas, Sacconi (1998), explica que o uso da preposição **em** é uma construção própria do português do Brasil, ao contrário do português lusitano, em que se usa a variante **a**. Sendo assim, torna-se muito difícil, entre nós, exigir apenas o uso dessa forma, quando todos aceitam

indistintamente esta construção. Portanto, é possível optar entre as preposições **a** e **em**, sem que haja inconvenientes. O autor concebe que é muito difícil ensinar no Brasil que, com verbos de movimento, só se usa a preposição **a**. Portanto, segundo o autor, o melhor é deixar as pessoas à vontade para construir, consoante o momento, a ocasião, a circunstância, que ora exige **a**, ora **em**.

Segundo Terra e Nicola (1997), na linguagem coloquial, ocorrem, com frequência, as contrações **pra**, **pro** e **praí**:

28) “Fala **pra** mãe que já estou indo”

29) “Ele emprestou o livro **pro** amigo”.

30) “Calma! Já estou indo **praí**”.

Poucos são os gramáticos tradicionais que discutem a presença da forma **pra** em enunciados lingüísticos e, quando o fazem, tratam-na de maneira sucinta, considerando-a forma sincopada da preposição **para**. Também afirmam que sua utilização ocorre na linguagem coloquial. É o caso de Thomas (1960). Cegalla (1972) registra tal forma como mais freqüente na fala popular e Pontes (1992) nota que o **pra**, por ser considerada não marcada, fica átona na frase, incorporando-se ao sintagma preposicionado.

À guisa de conclusões, Almeida (1973) questiona também se, algum dia, alguém afirmou que as preposições têm sentido fixo em português sem o cuidado de exemplificar o seu emprego. Jamais um professor consciencioso dirá que **de** indica posse, **sobre** significa em cima de, **com** denota companhia, sem ter analisado o contexto em que as preposições ocorrem. Sob este aspecto, isto é, a variação lingüística existente no que tange ao uso de uma ou outra preposição para a regência de alguns verbos, o próximo passo é resenhar os trabalhos de alguns pesquisadores sobre o assunto.

2.3 Estudos recentes sobre a variação das preposições A, EM, PARA e PRA – um recorte

Da variação lingüística ocorrida com os verbos da língua portuguesa, quando se trata de regência verbal, a que se dirige aos verbos Ir e Chegar através das preposições **a**, **em**, **para** e **pra** tem sido a encontrada com mais freqüência nas gramáticas escolares, comandos paragramaticais e, inclusive, pesquisas lingüísticas do tipo empíricas.

Rocha Lima [s/d], em seu ensaio sobre o sincretismo de **a** e **em**, no exprimir direção, descreve o histórico destas preposições do português, via uma regressão até o indo-europeu, passando, naturalmente, pelo latim. Nesse trajeto, informa que, no tempo do latim literário, tanto uma quanto a outra partícula, ou seja, *ad* e *in* eram capazes de indicar quer fosse a idéia de repouso como a de movimento. Posteriormente, com a passagem do latim literário para o latim vulgar, houve um agravamento da vacilação entre a idéia de repouso e a de movimento. Disso decorreu uma confusão no emprego de *ad* e *in*, esta foi favorecida, além do mais, pelo amortecimento do *m* do acusativo, donde, foneticamente, *urbem* se igualava a *urbe*.

As informações históricas confirmam que, desde o séc. I, já se deixara distinguir construções do tipo *in urbe(m) ire/ad urbem(m) ire*. Seja por quaisquer razões, e acima de quaisquer perquirições de causas, o gramático ressalta que esta verdade se impôs, incontestável, divulgando que, no latim do

Império romano, *ad* e *in* acumularam de forma equiparada à mesma função, para expressar as idéias de repouso e movimento.

Porém, à proporção que as línguas românicas como o português, por exemplo, passaram a se tornar línguas literárias e foram se normativizando, deu-se início a um caminhar em direção à tendência da especialização, reservando, assim, a preposição *ad* para movimento e *in* para repouso.

Pedrão (2002), tomando como base um *corpus* composto por relato, cartas, peças de teatro, observa o caminho das preposições **a/em** desde o português do século XVI, passando pelo XVI, XIX, XX e XXI que deu origem ao português brasileiro, assim como os fatores condicionantes que influenciaram no emprego de uma e de outra preposição. A autora considerou os fatores *sintagma nominal feminino, masculino ou neutro; ordem da sentença sujeito verbo, verbo sujeito, sujeito nulo; tipo de documentos: teatro, relato, carta; significação das preposições tempo, espaço, noção; flexão verbal; tipologia verbal; contração e não contração da preposição*. Como resultado, verificou que, no primeiro século, os fatores que mais colaboraram para o emprego da preposição **a** foram o sintagma nominal masculino; Sujeito Nulo ou ordem SV, indicando noção, em sua forma simples não contraída com artigos. Mais tarde, no século XIX, “Noção” junto a sintagmas nominais de núcleos masculinos foi o que mais influenciou a utilização da preposição **a**. Nos dois últimos séculos, detectou sintagmas nominais masculinos, em construção cuja ordem é sintagma verbal, em documentos do tipo cartas, com significado principal de noção, onde se encontra a direção com sentido de inferioridade. Somou a isto o verbo estar flexionado ou no particípio e o fato dessa preposição não aparecer com artigos e pronomes.

Nos séculos pesquisados, entre todos os fatores, revelou-se o gênero feminino, indicando que, para evitar a crase, os falantes, quando empregavam alguns verbos de movimento, optavam por **em** e ao sujeito nulo, nos séculos XX e XXI. Segundo a pesquisadora, isso demonstra que, mesmo em construções com um certo rigor gramatical (sujeito nulo), substituiu-se **a** por **em**. Reitera que, no século anterior, esta construção favorecia a preposição **a**. Espaço é o terceiro lugar e o traço significativo fundamental de **em**, por isso, neste, como em todos os outros séculos, foi considerado relevante. Para finalizar, a flexão no gerúndio foi selecionada no século XVI como importante para o uso de **a** e, neste século, passou a condicionar o emprego de **em**.

Pedrão postula, ainda, que há possibilidade de ter sido neste tipo de construção que ocorreu a invasão da preposição **a** no campo semântico de **em**. O infinitivo, que foi relevante para **a** no século anterior, passou a condicionar **em**, confirmando, assim, ter sido nesta estrutura que houve a invasão de **a**. Ao proceder à conclusão de seu estudo, enuncia que, embora seja fato que a preposição **em** fosse mais utilizada com verbos de movimento em relação à outra forma, a tendência em se continuar a manter uma língua de caráter conservador exigindo o uso da preposição **a** trata-se de uma herança da gramática portuguesa do século XVI.

Outra questão relevante discutida pela autora diz respeito à contração estar entre as propriedades de ambas as preposições. Talvez haja a implicância no uso de **a** com núcleos femininos de algo que poderia ser chamado de volume sonoro, pois é um artigo semelhante em pronúncia e grafia a essa preposição. Tal suposição facilitaria o emprego de **em**, uma vez que, além de

possuir maior volume sonoro, quando se contrai com os artigos, muda esse volume em relação à original, tanto com núcleos masculinos quanto femininos.

Enfim, reforça a idéia de que a preposição **para**, além de estar entre as primeiras no processo de aquisição do Português Brasileiro, parece ter a propriedade de indicar direção no mesmo sentido de interioridade que **a**, além do fato de possuir, inclusive, a propriedade de contração. Mais que isso, em sua forma simples, sem contração, possui características semelhantes à **em**, modifica completamente seu volume sonoro e passa a apresentar uma forma reduzida, diferente da forma simples **pra**, que não se sabe se possui contração com artigo; e **pro** que, provavelmente, seja a contração de **para+o**.

No que se refere à contração da preposição, retomamos o nosso estudo (Barbalho, 2000), sobre a síncope da preposição **para** em 480 canções populares objetivando a análise das possíveis variáveis lingüísticas e não lingüísticas que atuam na ocorrência do fenômeno.

Das variáveis analisadas, o programa VARBRUL, descrito anteriormente, detectou como relevante a variável não lingüística “estilo musical”, negligenciando as variáveis sintáticas bem como sentido e emprego desta preposição. Como resultado, a reduzida **pra** predominou nos enunciados musicais do tipo Sertanejo, Rock e Samba. Em sentido oposto, na MPB, considerada como mais sofisticada, produzida para um público dominador da norma culta, o índice da variável **pra** foi assaz superior.

Acreditamos que a ascensão da forma **pra** pode ser um dos exemplos de variantes que Tarallo (1985) afirma estarem se encaixando no sistema lingüístico e social da comunidade, refletindo seu vernáculo, o que não implica

necessariamente uma mudança lingüística, mas pressupõe evidência de estado de variação anterior, sem que seja necessária a extinção da concorrente.

Desenvolvemos (Barbalho, 2001) junto a onze professores de língua portuguesa uma pesquisa sobre o seu comportamento, ao se depararem com alguns fenômenos de variação, dentre os quais a redução da preposição **para**, nas manifestações lingüísticas de seus alunos. Nas respostas de sete professores, houve a sugestão de que se explicasse ao aluno que **pra** pertence à linguagem falada e de que, na escrita, só deveria aparecer, se fosse transcrição da fala de um personagem e, entre aspas.

Dois deles afirmaram que não fariam a correção em relação à oralidade porque fala e escrita são diferentes. Revelaram, ainda, que o falante obedece à lei do menor esforço da fala, reconhecendo que os próprios professores usam as variantes **pra** e **em**, com freqüência, na regência de alguns verbos.

Os demais declararam que, na oralidade, não costumam fazer observação chamando atenção do aluno. Aceitam as duas, o **pra** e **em**, como normais, bem como na escrita informal, mas orientariam para que não as usassem na escrita formal.

Bagno (2000) examina as diferenças entre os usos ideais prescritos pelos CP³ e os usos reais feitos pelos falantes mais cultos. Levou em conta os traços [+permanência] e [-permanência] e a questão do grau de definitude (MOLLICA,1989). Metodologicamente, observou exemplos significantes no *site* da Internet denominado “Nossa língua portuguesa”, CD-rom Nossa língua Portuguesa e no Manual de redação e estilo de O Estado de São Paulo.

Todavia, o grau mais alto de intolerância foi encontrado na coluna

³ Comandos Paragramaticais- termo usado para representar um fenômeno que exibe um rigor e um poder de fascínio o qual pode ser atribuído à divulgação oferecida pelos meios de comunicação como a Televisão, a Internet os CD rom (BAGNO 2001).

“Dito e escrito”, na Folha de S. Paulo, em que o colunista afirma que os brasileiros estão chutando a regência tradicional, chegando a usar, por meio da preposição **em**, a linguagem de cama, mesa, banho e botequim.

Em outra pesquisa, Bagno (*op. cit*) ocupou-se da comparação entre as ocorrências dessas variáveis em CLF⁴ e CLE⁵. Aplicou às ocorrências do CLF os critérios propostos por Mollica (1989) acerca do Grau de Definitude, em que a autora, contrastando o uso de **a/para** e de **em**, formulou a hipótese de que “quanto mais definido o referente, mais” “chance” de ser regido por **em**, já que indica “lugar onde”, além de “movimento” dado pelo verbo Ir e vice-versa. Como resultado, percebeu que o uso mais padrão de **a** é amplamente favorecido pelo traço [-definido], enquanto o uso de **para**, como menos padrão, registra um favorecimento do traço [+definido]. Outro fator que merece destaque é que todas as ocorrências de **a** [+padrão] com referente [+definido] apresentaram um nome próprio no complemento verbal.

Detectou, também, dois exemplos de possibilidade de uso de duas preposições diferentes para exprimir o mesmo traço semântico numa única unidade discursiva. E, mais que isso, houve uma hesitação por parte de uma informante que acabou optando pela regência menos padrão. De acordo com o pesquisador, os números totais de cada preposição no CLF revelaram uma possível hierarquia na atitude dos falantes mais cultos no emprego dessas regências. A preposição **em**, condenada pelo normativismo conservador, teve o menor número de ocorrências. No CLE, houve plena observância das regências prescritas pela norma-padrão para o verbo Ir.

⁴ Corpus da Língua Falada.

⁵ Corpus da Língua Escrita.

Na relação **a/para**, verificou-se a tentativa do falante em escapar de um uso “certo demais” ou “pedante” (**a**), preferindo recorrer a uma regência “neutra” (**para**), que encontra apoio, ainda que não integral, na gramática normativa. Com efeito, foi o que comprovou o teste aplicado por Mollica (1989), quando detectou a variante **a** como a mais correta, **para** como intermediária e **em** como incorreta.

Sobre o verbo Chegar, Bagno (op cit) informa que, de 4 das ocorrências mais padrão, 3 tinham como [+destino] referentes que poderiam ser classificados de [+abstrato]:

31) *chegar a um acordo* (2 ocorrências) e

32) *chegar a um preço* (1 ocorrência).

Nesta última, temos o sentido de “algo atingir um preço” “X” e não de “algo chegar a um lugar X a um preço Y”. A ocorrência mais próxima do padrão apresentou como referente um [+destino] a se classificar como [+humano]:

33) *calculo uma coisa que chegou a mim... e de mim vai para outros.*

Sob tal prisma, deduziu que as prescrições da norma padrão são seguidas mais rigorosamente pela língua escrita.

Recentemente, Bagno (2002) sugere a realização de uma eleição junto aos alunos. Em primeiro lugar, orienta para que se preste atenção às ocorrências dos verbos Ir e Chegar em um *corpus* definido pelos envolvidos. Em seguida, deve-se verificar se são usados com sentido diretivo e quais as preposições que estão relacionadas a eles. Então, orienta que se distribuam aos alunos pequenas cédulas contendo os enunciados (A) e (B), sendo uma delas com a variante apregoada pela gramática normativa. Depois, para que se peça a eles que assinalem quais (quais) das construções consideram “a mais normal,” “a mais fácil de entender” e “a mais freqüente” no modo de falar deles e de seus familiares. Após

a contagem dos votos, comparam-se os resultados com os que vão ser obtidos na coleta de dados do CLF e do CLE, com vistas a verificar entre as opções sintáticas quais as preferidas pelos alunos e as mais faladas pelos falantes cultos brasileiros. Como resposta da pesquisa, assevera que, caso seja errado o uso da preposição **em** com os verbos Ir e Chegar, a maioria das pessoas continua teimando em errar.

Neste trabalho, adotaremos esse tipo de pesquisa, por acreditamos que a metodologia descrita pode motivar o aluno a participar da atividade com maior interesse. E, mais que isso, os dados obtidos sob a forma de votos poderão permitir a verificação do nível de *percepção* do aluno em relação às variantes. Resta-nos, agora, discutir a teoria que embasará a metodologia que acabamos de referenciar.

2.4 Teoria nuclear – traços semânticos das preposições A, PARA e EM

O tipo de trabalho cujo referencial teórico abarca os traços semânticos das preposições já tem sido desenvolvido por alguns pesquisadores. Nesta seção, apresentamos o construto teórico cuja essência conduzirá à análise a que nos propusemos por meio de uma resenha descritiva das propostas de Pontes (1992), Mollica (1989).

Inicialmente, Pontes (op cit) observa que a primeira noção de espaço que o homem tem lhe é dada pela sua língua e que cabe aos lingüistas saber o que há de universal na conceituação do espaço, de forma que se possa organizar este conceito e colocá-lo à disposição do falante para se comunicar. Então, passa a examinar a conceituação de espaço, mostrando como o conceito de

tempo é constituído, metaforicamente, a partir de categorias espaciais. Seu estudo comprova que, quando se pensa em tempo, parte-se de nossa concepção de espaço e projetam-se as distinções espaciais para falar do mesmo, o qual é concebido como um lugar, como pontos, como uma linha, como tendo movimento.

Ao examinar as preposições, a autora percebeu que algumas das listadas pelas gramáticas não estão mais sendo usadas na língua coloquial. Logo verificou que, no processo de desaparecimento, elas são omitidas, primeiramente, em seu uso literal, isto é, de espaço, porém, permanece no uso metafórico, influenciando a história gramatical dos vocábulos. Exemplificando, a preposição **a** já não é mais usada na maioria das acepções de espaço na língua coloquial, tendo sido substituída por **em** e **para**, mas continua sendo um pouco mais utilizada, quando indica tempo. Pontes (*op. cit*) acredita que seu desaparecimento se deve ao fato de ser esta preposição átona e muito reduzida fonologicamente. A respeito do emprego da preposição **a**, retoma as idéias de Thomas (1960) sobre a existência de uma forte tendência no português falado no que trata da substituição desta por **em**, **para**, **de**, **por** etc, em muitas expressões. Este mesmo autor consigna que, para indicar a locação permanente ou habitual e em casos limítrofes, a preposição **para** é utilizada, de certa forma, para sustentar o paradigma “culto” do sistema escolar, por exemplo, “Vou **para** o Rio.” Todavia, nossa prática educativa confere que tal preposição encontra-se em pleno declínio, limitando-se, cada vez mais, à escrita monitorada.

Sobre a influência da escola na conservação da maioria das preposições, Pontes (*op. cit*) salienta que as pessoas de nível mais alto de escolaridade, ou seja, as que mantêm o uso prescritivo das preposições, estão sujeitas à influência da escola, que sempre insiste em retardar a evolução. No

entanto, observa que, mesmo sendo possível ainda se ouvir “Vou à cidade”, principalmente por falantes mais cultos, partilha da concepção de Thomas (*op. cit*) de que a evolução já chegou com a substituição por **em** e **para** em muitas expressões. Há muitos casos nos quais a preposição **em** é usada em substituição ao **para**, com verbos de movimento, como nos exemplos: “Vou **em** casa” e “Vou **na** fazenda”. Evidencia-se, assim, a oposição com **para/pra**, indicando um movimento em direção a um lugar, mas sem a implicação de que vai permanecer lá.

Mesmo a preposição **em**, podendo ser usada também com verbos de movimento, como em “chegar **em** casa”, “ir **na** fazenda”, possui sua maior frequência de uso, quando indica posição de espaço. Ao ser usada com verbos de movimento, ela também pode ser substituída por **pra**, mesmo no sentido geral, como confirmam os exemplos: “Vou **pra** fazenda”. “Vou **pra** casa”. Conclui-se, então, que a preposição **pra** não é marcada para movimento e **em** é não-marcada para posição.

De acordo com Thomas (1960) existem, ainda sobreposições: **em** e **para**, às vezes, são intercambiáveis, porque a distinção entre “ir **na** fazenda” e “ir **pra** fazenda” é muito sutil. Isto significa que nem sempre há necessidade dela, pois é possível usar “vou **pra** fazenda”, mesmo que se pretenda voltar em pouco tempo. A última expressão pode ser usada para dizer apenas o lugar onde se está indo sem a preocupação de revelar o tempo que vai ficar lá. Entretanto, quando se diz “vou **na** fazenda”, “vou **em** casa”, é mais provável que seja por pouco tempo. Portanto, fica mais evidente o que se quer dizer em “vou **pra** casa”, ou seja, indica apenas que a pessoa está indo embora sem nenhuma preocupação em relação à permanência. Por isso, parece que a expressão **pra** é o termo não-marcado nesta relação.

Diante disso, esse autor assinala dois significados para a preposição **para**; o primeiro indica direção para um lugar, sem presunção de chegada e, a

segunda indica movimento para um lugar, incluindo chegada, mais ou menos permanente. Os exemplos: “*Vamos **para** frente*” e “*Sáiram **para** o Rio*” ilustram o primeiro caso, enquanto “*Eu vou **para** casa*” ilustra o segundo, embora Pontes (*op. cit*) acredite que pode também ser interpretado como os dois primeiros exemplos.

Então, percebemos, de forma bastante significativa, que as preposições não-marcadas, como **em** e **pra**, ficam átonas na frase, incorporando-se fonologicamente ao sintagma preposicionado. Sobre a segunda, considerada como a reduzida da primeira, Thomas (1960) verificou que se trata da forma falada de **para**.

Por serem de grande validade para a realização desta pesquisa, segue abaixo a apresentação de certos conceitos estabelecidos por Mollica (1989) para representar os traços semânticos das preposições, de forma a propiciar uma análise mais aprofundada do problema o qual nos propusemos a investigar.

Na busca de uma resposta se os falantes ainda preservam a recomendação do traço [+permanência] para a variante **para**, prevista nas gramáticas tradicionais, a pesquisadora realizou uma investigação sobre a regência variável do verbo Ir de movimento usando como *corpus* dados do projeto CENSO, os quais apresentam a fala espontânea de falantes cariocas com nível de escolarização básico e médio.

Metodologicamente, fez um teste em que submeteu todos os dados à codificação dos traços [+permanência] e [-permanência]. Todas as vezes em que os dados com **em** estavam presentes, não havia nenhum caso de [+permanência], o que a levou a opor somente **a** x **para**. Os números obtidos revelaram que a regra segundo a qual a preposição **para** deve acompanhar o verbo Ir, quando há idéia de

fim ou permanência, permanecia bastante presente na fala, de modo que se podia afirmar que os falantes continuavam sensíveis a ela.

Durante a pesquisa, a autora testou diferentes variáveis relacionadas às características do verbo Ir, as quais julgou interessantes para explicar o surgimento da **a/para** vs **em**. Tomou como objetivo analisar a pertinência dos grupos, cognominados por Configuração no Espaço e Grau de Definitude, referentes apenas aos aspectos morfo-semânticos de nome do sintagma preposicionado do verbo “Ir de movimento”. A primeira variável levou em conta os traços semânticos do nome locativo, núcleo do sintagma preposicionado. A estudiosa distinguiu os locativos em [+fechado] e [-fechado]. Os primeiros definiram-se como lugar cercado, com uma entrada definida, com ou sem teto. Como exemplo de sua amostra, citou os locativos “cinema”, “clube”, “Maracanã”, “Tivoli Parque” e “casa”. Em contrapartida, os locativos que não preenchiam tais requisitos foram agrupados como [-fechado]: “praia”, “cidade”, “Paraíba”, esquina “. Também se encontravam neste grupo os locativos que exprimiam *lugar indefinido e/ou abstrato* e os considerados de difícil classificação tais como “porta”, “médico”, “esquina”. Sua intenção ao postular estes traços baseou-se na hipótese de que a preposição **em**, além da noção de movimento quando acompanha o verbo Ir, conotava o sentido de estar, conforme enuncia Bechara (2000), com o valor de “situação” significando “posição no interior de”, “dentro dos limites de”, “em contato com”, “em cima de”.

Ao contrário do esperado, o traço [-fechado] favoreceu a presença das preposições **a/para**. Importante salientar que essa hipótese foi comprovada via testes estatísticos processados em VARBRUL 2s (Sankoff, 1979), que selecionaram a variável Configuração no Espaço como relevante. Estatisticamente, o traço [-fechado] favoreceu a presença de **a/para**, enquanto o [+fechado] inibiu a regra,

configurando-se como contexto no qual **em** tem mais “chance” de ocorrer. Esses resultados apoiaram a hipótese segundo a qual a emergência de **em** associava-se a determinado traço semântico de nome de sintagma preposicionado com o qual a preposição acrescentava o valor significativo “estar dentro”, além do previsto de movimento. Logo, corroboraram previsões quanto ao valor semântico a mais da preposição **em**.

A variável Grau de Definitude agrega um grupo de fatores que diz respeito às características morfo-semântica-discursivas do referente locativo. Pertence a Mollica (1989) a hipótese de que, quanto [+definido] o referente, maior a “chance” de ocorrer a preposição **em**, já que indica “lugar onde” além de “movimento” dado pelo verbo *ir*. Caso contrário, tanto maior a “chance” de ocorrer **a/para**, onde apenas a noção de movimento está presente. A autora trabalhou com traços de natureza formal, qual seja, *presença/ausência de determinante de nome* e com traços de natureza semântica, *definido/não definido*. Por outro lado, [+definido] tratando-se do referente conhecido do falante e do ouvinte, facilmente identificável; enquanto [-definido] como o referente vago, impreciso, pouco identificável pelo falante e/ou ouvinte. Na maioria dos casos, o referente [-definido] aparece precedido de artigos e pronomes indefinidos, ao passo que os outros podem estar postos a artigos definidos, pronomes possessivos e demonstrativos. A partir da observação dos dados de sua pesquisa, estabeleceu três graus de *definitude dos referentes* os quais redundaram em quatro fatores para esse grupo.

Em primeiro lugar, estão os referentes com *maior grau de definitude*, caracterizados por possuírem dois traços positivos, ou seja, nomes precedidos por determinantes definidos, indicando serem os referentes familiares ao falante ou

ouvinte, ou portador de significação compartilhada pelos interlocutores. Seguem alguns dos exemplos pertencentes a sua pesquisa:

A) [+determinante] [+definido]:

34) “...*ia no MEC pedir uma verba*”;

35) “...*eu estou dizendo que vou na tia*”;

36) “...*nós íamos no sindicato*”;

37) “*ainda estou para ir ao Barrashopping*”.

Os referentes com grau de *definitude média* recebem um tratamento positivo e outro negativo. Assim, ficam, de um lado, nomes precedidos por determinante, quer seja um artigo indefinido ou um pronome indefinido.

B) [+determinante] [-definido]:

38) “ ... vai **numa** *festinha* ali”;

39) “... vou **em** *qualquer* lugar”;

40) “ ... vamos **num** *samba*”;

41) “ ... não ia **pra** *lugar nenhum*”.

No próximo grupo, estão os nomes não precedidos por determinante, mas cujo referente é conhecido. Esses são os casos de nomes de cidades, países, estados, bairros ou o caso específico da palavra “casa”, quando se refere à do locutor.

c) [-determinante] [+definido]:

42) “ ... eu fui uma vez **a** *Copacabana*”;

43) “ ... eu fui **em** *casa*”;

44) “... eu vou **pra** *Botafogo* descansar”;

45) “ ... vou apanhar ele para ir **para** *São Paulo*”.

O terceiro tipo são os referentes com *menor grau de definitude*, isto é, recebem dois traços negativos, quer dizer, os nomes não são precedidos por determinante; os locativos são vagos, desconhecidos do falante e/ou do ouvinte. Eles são caracterizados como

d) [-determinante] [-definido]:

46) “ ... não ia **a** *cinema* sozinha “; “

47) ” ... eu não vou **a** *teatro*”;

48) “... ir **para** *psiquiatras e analistas*”.

Consoante os resultados dos testes estatísticos para os fatores que compunham esta variável, houve a comprovação da hipótese de que os referentes dos nomes de sintagma preposicionado distribuíam-se em graus de definitude hierarquicamente dispostos, de modo que os pólos opostos, marcados por duplos traços positivos ou negativos, representavam, respectivamente, grau maior de definição, enquanto os referentes com traços mais/menos se caracterizam como grau medial. Com isso, Mollica (*op. cit*) evidenciou a existência de reforço e complementaridade entre a variável Configuração de Espaço e Grau de Definitude, pois tanto um quanto outro grupo de fatores apontavam o caminho para interpretar a preposição **em** como variante marcada semântico-discursiva e pragmaticamente.

Utilizando os dados da pesquisa acima descrita, a pesquisadora preparou alguns testes com a finalidade de conhecer a atitude dos falantes em relação à regência do verbo Ir, por meio das variantes acima mencionadas. Então, transcreveu alguns contextos, repetindo as formas **a**, **para** e **em** e solicitou a 30

alunos do curso de Letras que apontassem as formas *mais corretas* ou as formas *menos corretas* e as formas *de que mais gostavam* ou *de que menos gostavam*. De posse das respostas, levantou uma questão quanto à possibilidade de existência de hierarquia entre as formas **a**, **para** e **em**, imaginando uma escala em que **a** fosse considerada mais padrão do que **para**, em contraposição com a variante **em**, não-padrão.

De maneira geral, a avaliação das respostas aos testes mostrou que havia, realmente, uma correlação entre a forma **a** como a “mais correta” e a de que mais gostavam e **em** como “mais incorreta” à forma “de que menos gostavam”. A forma **para** revelou-se como intermediária, *neutra*, especialmente nos casos em que se tinha dúvida quanto à prescrição gramatical. Sintetizando, a autora buscou atestar o princípio postulado segundo o qual a variação em regência verbal não é imotivada, permitindo ser estudada sob perspectiva laboviana. As variantes preposicionais padrão **a/para**, regidas pelo verbo *Ir* de movimento, possuem condicionamentos discursivo-pragmáticos para o seu surgimento, os quais não foram abordados pela autora. Sua tentativa foi mostrar que alguns desses condicionamentos dizem respeito à natureza morfo-semântico dos referentes do nome do sintagma preposicionado, os quais revelaram que as variantes tendem a ter usos específicos.

Além de abordarmos a *percepção* dos sujeitos, outro aspecto singular que rege a nossa pesquisa é o fato de levarmos em conta, também, os fatores não lingüísticos. Portanto, uma vez explicados os traços semânticos, damos início a uma breve abordagem dos fatores externos que perpassam o corrente estudo.

2.5 A relevância dos condicionamentos não lingüísticos

A partir de tudo que foi dito a respeito do uso das preposições **a**, **em**, **para** e **pra** na regência dos verbos Ir e Chegar indicando movimento, é cabível o entendimento de que a gramática tradicional, por si só, é insuficiente para explicar o possível uso das quatro variantes nos inúmeros enunciados comunicativos orais e escritos.

Como resposta, Labov (1963) inaugura uma nova fase nos estudos sociolingüísticos, através da elaboração de técnicas de investigação relativas às relações entre fatores sociais e variantes lingüísticas que contribuíram e, com certeza, sempre, se mostrarão úteis ao crescimento extraordinário deste tipo de pesquisa. Ou seja, assim como existem condições ou regras categóricas que obrigam o falante a usar categoricamente certas formas e não outras, também há condições ou regras variáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, variavelmente e com pesos específicos, o uso de uma ou outra das formas variantes em cada contexto.

Neste estudo, um dos aspectos fundamentais sobre as variantes lingüísticas é a existência da relação de concorrência entre as variantes padrão, conservadoras e de prestígio, **a/para**, versus as não-padrão, inovadoras e, às vezes estigmatizadas **em/pra**. Dos vários fatores externos, ou seja, não lingüísticos que podem atuar no uso e, nesse caso, acreditamos que a *percepção* de uma ou de outra variante como “a mais correta”, “a mais fácil de entender”, “a mais freqüente na fala dos outros” e “a mais freqüente em sua própria fala”, tomamos como apoio as variáveis Sexo, Faixa Etária, Escolaridade e Período.

As diferenças lingüísticas em função do Sexo surgem porque a língua, como um fenômeno social, está estreitamente relacionada às atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes confere papéis distintos e espera que utilizem padrões de comportamento também distintos. De acordo com pesquisas realizadas, as mulheres costumam empregar, bem mais do que os homens, as formas que as normas gramaticais prescrevem como próprias da língua padrão.

Todavia, Labov (1972) adverte que seria um grande equívoco elaborar um princípio geral de acordo com o qual as mulheres sempre encabeçam uma mudança lingüística. Em outras palavras, de um amplo conjunto de investigações recentemente realizadas, Labov (1992) assinala que, em 20%, os homens é que se encontram à frente nos processos de mudança.

É fácil percebermos que existem diferenças lingüísticas devidas à Faixa Etária do falante. Naro (1994) frisa que as mudanças lingüísticas se processam, normalmente, de maneira gradual em várias dimensões. Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social. Além disso, os eixos da própria estrutura lingüística não são diferentes, ou seja, num dado momento do processo de mudança, certos itens lexicais ou determinadas estruturas podem ser mais propensas a mudar. Então, Naro (*op. cit*) conclui que a mudança lingüística não é absolutamente mecânica e regular em curto prazo, quando costumam coexistir formas de diversos estágios de evolução. Sobre o fenômeno em discussão, os

trabalhos deste pesquisador resultaram na conclusão de que os jovens estão evitando as regências Ir a e Ir para, preferindo Ir em.

Quanto à Escolaridade, Votre (1994) acentua que é muito comum o responsável pela produção das gramáticas escolares e manuais de ensino rotularem os fenômenos de variação como *vícios de linguagem*, entendidos como desvios das normas da língua padrão, provocados por descuido ou pela ignorância que o falante possui das mesmas. Uma das distinções discutidas pelo pesquisador, a qual consideramos relevantes, é a oposição entre os fenômenos controlados nos níveis do discurso e da cláusula. O primeiro é fortemente condicionado por fatores de natureza discursiva como, por exemplo, o uso do artigo definido frente a pronomes possessivos e nomes próprios, enquanto o outro, ilustrado pelo uso de **a**, **em** ou **para** com os verbos de movimento, depende, sobretudo, das características semânticas do local que é alvo do movimento, ou seja, do referente semântico.

Um aspecto importante discutido pelo autor sobre a variável Escolaridade é que os fenômenos de uso da língua têm sido abordados, exclusivamente, até o nível da cláusula. Pouco se sabe, até agora, a respeito dos condicionamentos discursivos e, por isso, a escola nada oferece em termos de fórmulas de uso. O pesquisador concebe que o ensino do tipo descritivo está voltado para o conhecimento das características estruturais das formas em uso, tanto as características regulares quanto as excepcionais. Portanto, está marcado pelo aspecto normativo, porque descreve o que é prestigiado, o que deve ser utilizado. É o caso da descrição e exemplificação das regras de concordância nominal e verbal ou de regências do verbo Ir de movimento. Por considerar o fenômeno em discussão como mais tópico, mais limitado, visto entre os diversos tipos de problemas de domínio das regras de regência as quais são ensinadas na escola de forma pouco

sistemática, em termos descritivos e prescritivos, Votre (1992) defende que o efeito da variável Escolarização como pouco pronunciado, não cabendo atribuir à escola o que não lhe é específico.

Sob seus pressupostos, as formas não analisadas pela tradição gramatical e que, apesar disso, são dominadas pelos usuários da língua com alta taxa de regularidade, são componentes de uma gramática internalizada, resultantes de pressões e regularidades de uso, que só o uso compartilhado permite dominar.

Tendo em mente esses princípios, podemos pressupor que todas as variáveis de ordem social como Sexo, Faixa Etária, Período e, ao nosso ver, também a Escolaridade atuem como determinantes à *percepção* das variantes. Não nos esqueçamos, porém, do pressuposto de que há o risco de intersecção entre as variáveis como, por exemplo, o grau de Escolaridade com o Período em que os usuários estudam.

3 A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO FRENTE ÀS VARIANTES A, PARA, EM E PRA- A PESQUISA

Reiteramos que como base os trabalhos desenvolvidos por Mollica (1989), sobre a regência do verbo Ir, Pontes (1992) a respeito do valor semântico das preposições e Bagno (2001) que acrescentou ao seu estudo o verbo Chegar. Esta pesquisa constou, em primeira instância, da realização de uma eleição lingüística em que os alunos votaram nas variantes **a**, **para**, **em** e **pra** elegendo “a mais correta”, “a mais fácil de entender”, “a mais freqüente na fala dos outros” e “a mais freqüente em sua própria fala”.

Na essência, nosso estudo difere dos desenvolvidos pelos pesquisadores acima citados, à medida que investiga se os fatores que influenciam o uso de uma ou de outra variante podem ser os mesmos que condicionam a *percepção* que se manifesta no processo de escolha das variantes. A seguir, passamos a descrever detalhadamente os procedimentos utilizados.

3.1 Seleção e descrição dos sujeitos

Inicialmente, faremos uma breve descrição sobre a comunidade onde a investigação se realizou. Trata-se de uma escola pública, Colégio Estadual Olavo Bilac- Ensino Fundamental e Médio, situada à Avenida Inglaterra, Centro, na cidade de Cambé, cuja clientela, demasiadamente plural, de 3. 200 alunos, reside nas zonas urbana e rural e bairros periféricos.

Da primeira etapa deste estudo, a pesquisa nos programas de televisão, participaram as nove turmas de alunos do primeiro ano do Ensino Médio diurno, ou seja, 430 sujeitos.

Na etapa seguinte, o “bate-papo” entre os alunos, considerando a singularidade da atividade, (ver seção 2.2) contamos com um número reduzido de alunos, isto é, 20 alunos de uma sala escolhida aleatoriamente. Ressaltamos que o objetivo desta tarefa consistiu em demonstrar aos alunos que sua participação, mesmo que parcial, seria de extrema importância, e as informações sobre suas vidas eram tão relevantes quanto às divulgadas pelos programas da televisão.

A seguir, utilizando os pressupostos teóricos referentes aos fatores extralingüísticos que determinam o uso e, neste caso, a *percepção* de uma ou outra variante dentro de critérios estabelecidos, convidamos a participarem da pesquisa propriamente dita, a eleição (cf. seção 2.2), todos os alunos matriculados na 1ª e na 3ª série do Ensino Médio, períodos diurno e noturno. Ao todo, participaram 605 sujeitos de ambos os sexos, conforme especificaremos abaixo. Com isto, acreditamos tornar os resultados mais significativos, como prevê uma análise laboviana.

Tabela 01 – Número de sujeitos Matutino e Noturno

Faixa Etária		Matutino			Noturno			
		14-15	16-17	18-21	14-15	16-17	18-21	
Sexo	Feminino	1 ^o	114	25	0	18	26	7
		3 ^o	0	69	6	0	53	27
Masculino		1 ^o	90	23	4	28	22	3
		3 ^o	0	3	3	0	31	25
Total			365			240		

Esta tabela explicita que o número maior de alunos está no Período matutino representado pelo Sexo feminino na Faixa Etária entre 14-15 anos, cursando a 1^a série. Em geral, os alunos entre 18-21 estão cursando a 3^a série.

3.2. Procedimentos

Iniciamos o processo com a solicitação de uma pesquisa, em grupo, aos alunos, de forma que observassem, nos programas de televisão do tipo formal e informal, a incidência de ocorrências do fenômeno relacionado à regência dos verbos Ir e Chegar com as preposições **a**, **em**, **para** e **pra**, indicando movimento. Todos os alunos, isto é, as 9 turmas representadas por 430 sujeitos participaram, determinando quais (is) o(s) programa(s) caberia(m) a cada grupo. Devido ao grande número de programas exibidos em diversos horários pelas várias emissoras, eles escolheram aqueles com os quais mantinham maior afinidade e, conforme a sua disponibilidade. Primeiramente, fixaram a preferência pelos programas de auditório como “Jô Soares onze e meia” da rede Globo de televisão e “A hora da Verdade” da rede Record. Em contrapartida, sugerimos os noticiários, os quais apresentam

características opostas aos primeiros, isto é, uma fala mais formal, haja vista que, em período anterior à leitura do apresentador, o texto passa por revisão. Então, sugeriram os programas “Jornal Nacional” e “Paraná Tv” da rede Globo e “Jornal da Record”.

Devido ao grande número de alunos participando dessa tarefa, ampla, também, foi a quantidade de trabalhos recebida, o que nos levou a estabelecer critérios para que pudessemos concretizar a pesquisa. Então, fizemos uma verificação cuidadosa das 215 ocorrências pesquisadas e selecionamos as que atendiam aos parâmetros condizentes ao objetivo da pesquisa, ou seja, a presença dos traços semânticos nos referentes locativos. Ainda assim, a quantidade permanecia acentuada. Decidimos, em primeira instância, determinar 50 enunciados, depois diminuimos para 20, até chegarmos em 8, porque, caso houvesse excesso quanto ao número de dados, a quantificação e análise poderia ficar comprometida.

A seguir, atendendo as premissas dos PCNs (*op. cit*) sobre a participação ativa dos alunos em projetos de pesquisa, consideramos que seria interessante acrescentar ao *corpus*, além dos enunciados proferidos pelos apresentadores nos programas de televisão, algumas construções faladas pelos alunos durante conversas mais ou menos formais, já que foram dirigidas pela professora.

Sugerimos, aleatoriamente, a uma das turmas com as quais trabalhamos, a prática de uma atividade oral à qual denominamos “bate-papo”, caracterizada por uma conversa informal sobre as atividades rotineiras dos envolvidos.

Devido à estratégia adotada para a realização da proposta, ou seja, não determinamos nota, nem tampouco optamos pela indicação de nomes, Fizem-na de forma espontânea, à medida que julgavam interessante compartilhar os fatos de seu dia-a-dia com seus colegas e professora. Enquanto descreviam oralmente suas informações, a professora, auxiliada por três alunos denominados pela sala como “secretários”, iam anotando as ocorrências. Em período posterior, cruzamos os dados com os que havíamos transcrito, objetivando tornar a estrutura das construções o mais real possível.

Em período posterior, visando a testar, além da hipótese da influência de fatores extra lingüísticos como Sexo, Grau de Escolaridade, Faixa Etária e o Período em que freqüentam a escola, matutino ou noturno, como relevantes nos resultados da votação, criteriosamente, analisamos vários enunciados em que se faziam notar os fatores lingüísticos relacionados aos traços semânticos de [+definido] [-definido]; [+fechado] [-fechado] sugeridos por Mollica (1989) e noções [+permanência]; [-permanência] apregoadas pela gramática tradicional.

Tendo em mãos as inúmeras ocorrências pesquisadas nos programas de televisão, bem como na fala dos alunos, delimitamos 8 enunciados, os quais comporiam o *corpus* da pesquisa a ser desenvolvida. Nessa seleção, levamos em conta o conteúdo abordado, ou seja, uma notícia regional, outra do país, uma voltada ao serviço de utilidade pública, comentários bem humorados dos programas de televisão e informações sobre a rotina dos alunos.

Dos enunciados advindos da fala dos sujeitos, justificamos a escolha em direção aos que ofereciam ao ouvinte um grau mínimo de identificação com o conteúdo divulgado, ou seja, programas a que assistem, meio de transporte que

utilizam, atividades comuns à rotina de um estudante trabalhador ou não. Levando em conta que uma eleição pressupõe mais de uma opção, acrescentamos a cada enunciado mais duas ou três construções, conforme o caso. Em outras palavras, assim como procedeu Mollica (1989), as frases pesquisadas marcadas pela presença do verbo Ir foram multiplicadas para quatro, ou seja, para cada opção uma variante: **a**, **em**, **para** e, acrescido por nós, o **pra**. Quanto ao verbo Chegar, o número de possibilidades foi reduzido para duas, respectivamente as preposições **a**, **em**. Na prática, utilizamos as 8 construções para montarmos a lista de enunciados que comporiam a proposta metodológica de Bagno (2001), ou seja, a realização de uma eleição cujo objetivo é sistematizar a *percepção* dos alunos sobre as variantes em estudo. Sobre esta metodologia, o pesquisador orienta que, junto aos enunciados pesquisados, seja inserida uma única alternativa aceita pela gramática tradicional. Assim, dispusemos para a votação uma ocorrência com a variante **a**.

A tarefa era, a partir da observação dos oito grupos de enunciados, votar naquela construção que julgaram como *a(s) mais corretas*, *a(s) mais fácil (eis) de ser entendida(s)* e *a(s) mais freqüente(s)* no modo de falar das pessoas com as quais convivem e, ainda, *a(s) mais freqüente(s)* em sua própria fala.

Os 605 alunos selecionados (ver seção 2.1), de posse da lista de enunciados (anexo 1), votaram, em uma cédula (anexo 2), quatro vezes em cada enunciado, perfazendo um total de 32 opiniões para cada eleitor. Então, o produto final corresponde a 19.260 células as quais foram submetidas à análise estatística do programa computacional VARBRUL.

Concluída a votação, demos início à contagem dos votos e, simultaneamente, construímos tabelas com o percentual de cada variante em relação às variáveis dependentes, com vistas a determinar a hierarquia de cada

forma lingüística. Da mesma maneira, a seguir, analisamos, no geral, o número de votos para cada variante e, posteriormente, o percentual obtido pelas mesmas em cada grupo de enunciados, buscando esclarecer os índices de relevância dos fatores lingüísticos e não lingüísticos nos 8 contextos, especificadamente.

Na etapa seguinte, submetemos os dados ao programa VARBRUL. A partir deste momento, os resultados passaram a ser projetados sob a forma de probabilidade. Utilizamos como estratégia isolar, a cada vez, uma variante em relação às demais, para detectar o grau de relevância das variáveis lingüísticas e não lingüísticas no processo de escolha dos alunos, isto é, de sua *percepção* sobre as variantes.

Após a realização das rodadas com os verbos Ir e Chegar, fizemos a conferência dos resultados e demos início à análise. Ao mesmo tempo, em continuidade à nossa prática pedagógica, refletimos, junto aos alunos envolvidos na atividade, sobre os resultados estatísticos obtidos na primeira fase da pesquisa.

3.3 O instrumento da pesquisa

O instrumento para esta pesquisa está formado por oito grupos de enunciados, nos quais constam quatro construções com o verbo Ir, representando o possível uso das variantes **a**, **em**, **para** e **pra** e duas com o verbo Chegar, refletindo a sua regência do mesmo por meio das preposições **a** e **em**.

Em virtude da riqueza das ocorrências pesquisadas pelos sujeitos, tornou-se necessária a realização das três etapas de seleção, já discutidas anteriormente, nas quais ficamos atentos aos seguintes critérios:

a) que o conteúdo presente nas informações do “Jornal Nacional” “Paraná Tv”, “Jornal da Record” repercutisse em um espaço geográfico considerável como a morte do jornalista Roberto Marinho e o acidente, em uma manifestação pública, na cidade de Londrina, que provocou a morte de um rapaz portador de necessidades especiais;

b) que a fala de Jô Soares tratasse de um assunto que chama a atenção da maioria da população brasileira, ou seja, o culto da mulher à beleza física;

c) que as informações sobre a rotina dos alunos fossem comuns aos colegas que teriam acesso a elas;

d) que houvesse uma nota de serviço de utilidade pública, entre as quais citamos as orientações às mulheres para que visitem mais de um estabelecimento comercial, antes de realizar uma compra.

Finalmente, o instrumento resultante da aplicação dos critérios foi o seguinte:

Grupo 1

(A) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir_a uma manifestação contra aumento de tarifa urbana. **(construção original- norma padrão- Paraná TV- 01/08/2003)**

(B) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir_para uma manifestação contra aumento de tarifa urbana.

(C) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir_pra uma manifestação contra

aumento de tarifa urbana.

(D) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir na manifestação contra aumento de tarifa urbana.

Grupo 2

(A) Mulheres, antes de ir ao supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é uma forma de economia. **(construção original- norma padrão- Jornal Nacional- 29/07/2003)**

(B) Mulheres, antes de ir no supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é uma forma de economia.

(C) Mulheres, antes de ir para o supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é uma forma de economia.

(D) Mulheres, antes de ir pro supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é *uma* forma de economia.

Grupo 3

(A) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir pro Senac. Normalmente, depois do handebol, venho pro colégio. Nas férias fui pra Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.

(B) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir para o Senac. Normalmente, depois do handebol, venho para o colégio. Nas férias fui para Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.

(C) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir ao Senac. Normalmente, depois do handebol, venho ao colégio. Nas férias fui a Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.

(D) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir no Senac. Normalmente, depois do handebol, venho no colégio. Nas férias fui em Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar. **(construção original- norma não padrão 04/08/2003 - Aluna informante).**

Grupo 4

(A) Quase todos os dias, depois do almoço, vou para o campinho e só volto para ver Malhação.

(B) Quase todos os dias, depois do almoço, vou no campinho e só volto para ver Malhação.

(C) Quase todos os dias, depois do almoço, vou ao campinho e só volto para ver a

Malhação.

(D) Quase todos os dias, depois do almoço, vou pro campinho e só volto para ver a Malhação. **(construção original- 04/08/2003-Aluno informante).**

Grupo 5

(A) Se ninguém pede para trabalhar até tarde, chego a casa, descanso um pouquinho, é assim, minha rotina não muda muito.

(B) Se ninguém pede pra trabalhar até tarde, chego na minha casa, descanso um pouquinho, é assim, minha rotina não muda muito. **(construção original- norma não padrão- 04/08/2003 Aluno informante).**

Grupo 6

(A) Em 15 minutos a polícia chegou no estabelecimento. (construção original- norma não padrão - “A hora da verdade”- 01/08).

(B) Em 15 minutos a polícia chegou ao estabelecimento.

Grupo 7

(A) Engraçado, mulher feia não tem coragem de chegar à esquina e tirar toda a roupa. Agora só porque ela é bonita e gostosa, tem que chegar na esquina e tirar toda a roupa para os homens ver.

(B) Engraçado, mulher feia não tem coragem de chegar à esquina e tirar toda a roupa. Agora só porque ela é bonita e gostosa, tem que chegar na esquina e tirar toda a roupa para os homens ver. **(construção original- norma não padrão -“Jô, onze e meia” – 01/08/2003).**

Grupo 8

(A) Quando o corpo do jornalista Roberto Marinho chegou ao cemitério São João Batista, já havia uma multidão a espera. **(construção original “programa Borys Casoy – 10/08/2003).**

(b) Quando o corpo do jornalista Roberto Marinho chegou no cemitério São João Batista, já havia urna multidão a espera.

De acordo com as transcrições originais, não houve variação na fala dos apresentadores dos noticiários, cuja forma padrão foi unânime. Nos outros, a

preferência foi pela variante **em** que também apareceu na fala dos alunos, juntamente com o **pra**.

Agora que expusemos o instrumento desta pesquisa, que se entendemos como o *corpus*, cabe a descrição do método de análise a que ele é submetido.

3.4 Método de análise

Vencidas as etapas anteriores, nosso objetivo consistiu em calcular, estatisticamente, as probabilidades, a fim de delimitarmos os fatores lingüísticos e não lingüísticos que mais favoreceriam detectar a *percepção* dos sujeitos sobre as variantes **em**, **a**, **para** e **pra** na regência dos verbos Ir e Chegar. Para tanto, como dito anteriormente, fizemos uso do programa computacional VARBRUL.

O programa foi capaz de identificar não só os fatores que favoreceram ou inibiram a escolha dos alunos quanto à variante “mais correta”, “mais fácil de entender”, “mais freqüente na fala dos outros” e “mais freqüente em sua própria fala”, como também possibilitou-nos uma série de inferências com respeito ao grau da participação de cada um dos grupos de fatores.

Utilizamos a prova “binomial de subida e descida”, a qual consiste em calcular as probabilidades de aparição de uma variável dependente conforme vem determinada pelas variantes, de forma individual. Primeiramente, foram calculadas as probabilidades de cada variável uma a uma, depois efetuamos a combinação das mesmas, até chegarmos às probabilidades calculadas na junção de

todas as variáveis independentes. Os valores estão expressos entre 0 e 1 e, quanto mais próxima estiver a cifra desses extremos, menos variável é o fenômeno. Dentre as muitas capacidades atribuídas ao Programa, demos maior atenção à que se encarregou por isolar uma variante em relação às demais. Neste sentido, de forma prática e objetiva, informamos ao Programa os dados de nosso interesse, visando à obtenção de resultados mais precisos.

1 - Variáveis dependentes: a mais correta; a mais fácil de entender; a mais freqüente na fala dos outros; a mais freqüente em sua fala (do aluno).

2 – Variantes: **a, em, para e pra.**

3 - Variáveis Lingüísticas- Traços Semânticos: Configuração no Espaço: [+fechado] [-fechado]; Grau de Definitude: [+definido] [-definido]; Noções de Permanência: [+permanência] [-permanência].

4 - Variáveis Não-Lingüísticas: Escolaridade- 1^a e 3^a séries; Faixa Etária- 14-15, 16-17, 18-22; Sexo- masculino e feminino; Período- matutino e noturno.

3.5 Análise

Nesta seção, iniciamos a análise dos dados, sob a forma de percentuais, subdividida em três partes. Para iniciar, desencadeamos uma contagem

geral dos votos, na segunda, uma análise de cada grupo de enunciados, distintamente; e, ao final, discussão das probabilidades, em peso relativo, dos fatores que intermediaram a *percepção* dos alunos no processo de eleição às variantes.

3.5.1 Contagem Geral Dos Votos

Primeiramente, observamos o percentual geral das ocorrências das variantes **a**, **para**, **em** e **pra** em relação aos verbos Ir e Chegar, para verificarmos qual a incidência dos votos em direção às formas mais e às de menos prestígio lingüístico.

Tabela 02 – Verbo Ir- Período Matutino- Resultado Geral da eleição.

	Período Matutino							
	A		PARA		PRA		EM	
	N	%	N	%	N	%	N	%
A mais correta	462/1217	37,9%	423/1473	28,7%	232/1477	15,7%	348/1673	20,8%
A mais fácil de entender	321/1217	26,3%	464/1473	31,5%	250/1477	16,9%	423/1673	25,2%
A mais freqüente na fala dos outros	190/1217	15,6%	232/1473	15,7%	630/1477	42,6%	407/1673	24,3%
A mais freqüente em sua fala	244/1217	20,%	354/1473	24,0%	365/1477	24,7%	495/1673	29,5%
TOTAL	1217	100%	1473	100%	1477	100%	1673	100%

Tabela 03 – Verbo Ir – Período Noturno- Resultado geral da eleição

	Período Noturno							
	A		PARA		PRA		EM	
	N	%	N	%	N	%	N	%
A mais correta	310/970	31,95%	249/960	25,93%	161/884	18,21%	228/1026	22,22%
A mais fácil de entender	243/970	25,05%	280/960	29,16%	151/884	17,08%	249/1026	24,26%
A mais freqüente na fala dos outros	201/970	20,72%	158/960	16,45%	370/884	41,85%	263/1026	25,63%
A mais freqüente em sua fala	216/970	22,26%	273/960	28,43%	202/884	22,85%	286/1026	27,87%
TOTAL	970	100%	960	100%	884	100%	1026	100%

De acordo com as tabelas, os índices obtidos sobre o verbo *Ir* confirmam, em ambos os períodos a posição da variante **a** considerada pelos alunos como “a mais correta”. No Período matutino, vemos que, de 1. 217 votos para esta variante, 462, foram para esta opção, ou seja, 37,9%; no outro Período, 310 votos de 970 atingem o índice de 31,95%.

A preposição **em**, mesmo sendo considerada “incorreta” pela instituição escolar, Comandos Paragramaticais e gramáticas escolares, foi para os educandos do Período matutino, com 29,50% a mais usada em seu processo de interlocução verbal. No Período noturno, matutino, tivemos a escolha da preposição **para** com 28,43%.

Levantamos a hipótese de que a forma **pra**, quando comparada à variante **em**, apresenta maior grau de estigmatização, apesar de ser a reduzida de uma variante considerada padrão. Isto porque os sujeitos do Período matutino tomaram-na como “a mais freqüente na fala dos outros” , com 42,6%; isto é, dos 1. 477 votos obtidos, 630 rumaram para esta opção. O mesmo ocorreu com os sujeitos do período noturno: dos 884 votos para o **pra**, tivemos 370 para a opção em análise, perfazendo 41,85%.

Mollica (1989) e Bagno (2001) supõem a existência de uma hierarquia entre as três variantes: **a** como a de prestígio, **para** caracterizada como a forma intermediária *neutra*, e **em** como a “incorreta”. Com esse estudo, acreditamos na ampliação da mesma para quatro, quando acrescentamos a forma **pra**. E, mais que isto, considerando que a maioria dos alunos julga a forma **em** como “a mais freqüente em sua fala”, urge uma reflexão crítica acerca do adjetivo “incorreta”.

Ao contrário do que concebem Labov (1968) e Mollica (*op. cit*), de forma geral, a opção escolhida pelos alunos como a alternativa “a mais correta”, **a**

não apresentou correlação com a mais utilizada pelos mesmos em sua fala, **em**. Isto porque, em geral, a opção “mais correta” foi a preposição **a** com 37,9% para o Período matutino, contra a forma **em** indicada como “a mais freqüente em sua fala” com 29,50%. A exceção foi o Período noturno, que optou pelo **para**, também considerado padrão, como “a mais freqüente em sua fala”, com 28,44%. Em outras palavras, ocorreu parcialmente o que Labov (op. cit) caracterizou de *Índice de Insegurança Lingüística*⁶.

Tabela 04 – Verbo Chegar- Períodos Matutino e Noturno- Resultado geral da eleição

	Período Matutino				Período Noturno			
	A		EM		A		EM	
A mais correta	661/2268	29,14%	798/3572	22,34%	430/1337	32,16%	593/2503	23,69%
A mais fácil de entender	584/2268	25,74%	869/3572	24,32%	320/1337	23,93%	682/2503	27,24%
A mais freqüente na fala dos outros	500/2268	22,04%	969/3572	27,12%	289/1337	21,61%	731/2503	29,20%
A mais freqüente em sua fala	523/2268	23,05%	936/3572	26,20%	298/1337	22,28%	497/2503	19,85%
TOTAL		100%		100%		100%		100%

⁶ Insegurança lingüística- marcada pela divergência entre o número total de casos em que as forma encontrada na fala do informante, nesse caso, votada, diferiu da considerada pelos mesmos como “a mais correta”.

Como indica a tabela, sempre que falamos em “mais correta”, a opção do aluno ruma, em sua maioria, para a forma de prestígio, isto é, das 2.268 vezes em que ela foi votada, 661 correspondeu a esta opção, com 29,14%. Com o verbo Chegar também ocorreu *Índice de Insegurança lingüística* parcial, pois entre os alunos do noturno “a mais correta” **a**, com 32,16% apresentou correlação com a mais freqüente na fala dos mesmos, com 22,28%.

Quanto à opção “mais fácil de entender”, visualizamos uma pequena oscilação entre os períodos, predominando a opção pela forma padrão, no Período diurno. Numericamente, de 2.268, 584 rumaram para esta opção, alcançando o índice de 29,14%.

Vale mencionar que, devido ao fato de as variantes não terem sido votadas aleatoriamente, queremos investigar se algumas das variáveis que condicionam o uso de uma ou de outra variante são as mesmas que determinam a *percepção* lingüística dos alunos.

3.5.2 Relevância das variáveis para a escolha das *A*, *EM*, *PARA* e *PRA*

A julgar pelos percentuais até aqui discorridos, é possível afirmar que as 4 variantes receberam votos em todas as opções, contudo, com percentuais distintos. Portanto, nessa segunda etapa da análise, deter-nos-emos nos votos cujos índices se mostraram mais elevados, a fim de investigar a possível relevância dos traços semânticos, das noções de [+permanência] e [-permanência] e dos condicionadores extralingüísticos.

Para efeito de comprovação dos índices citados, apresentamos duas tabelas, em percentuais: a primeira sobre os traços semânticos e a outra com as variáveis não lingüísticas. Nesta, temos a ausência do item “total”, uma vez que foi formada, exclusivamente, com os índices mais significativos de cada fator. Para maiores esclarecimentos sobre esta questão, consultar anexo 4.

3.5.2.1 Verbo Ir

Passamos, primeiramente, à análise do verbo Ir, descrevendo os traços semânticos do enunciado de origem, bem como a sua possível relevância e, posteriormente, os traços externos que atuaram para a *escolha* lingüística dos alunos.

Observemos que, no grupo 1, temos o referente locativo *manifestação*, cujos traços semânticos são [-definido], [-fechado] e [-permanência]. Esta descrição nos leva a crer que as escolhas deveriam ocorrer pelas formas **a** e **para**.

(A) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir a uma manifestação contra aumento de tarifa urbana.

(B) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir para uma manifestação contra aumento de tarifa urbana.

(C) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir pra uma manifestação contra aumento de tarifa urbana.

(D) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir na manifestação contra aumento de tarifa urbana.

Tabela 05 – Grupo 1- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos

	a mais correta		a mais fácil de entender		a mais freqüente na fala dos outros		a mais freqüente em sua fala		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
ir a	224	40%	150	27%	74	13%	115	20%	561	100%
ir para	199	28%	229	32%	111	15%	182	25%	721	100%
ir pra	93	13%	116	16%	327	45%	185	26%	721	100%
ir na	91	22%	110	27%	93	22%	121	29%	415	100%

Os percentuais acima discriminados condizem ao grupo 1, cuja construção original corresponde à letra (A), transcrita do noticiário “Paraná TV”. O advérbio *manifestação* possui, conforme enuncia Mollica (1989), as características de um locativo com *Grau de Definitude Médio* por estar precedido de um artigo indefinido e ser reconhecido pelo falante e pelo ouvinte.

Entendemos o advérbio *manifestação* como [-fechado], uma vez que não caracteriza um lugar fechado, com teto e saída e entrada definidas. Nesses casos, a “chance” de ocorrência das preposições **a** e **para** é bem maior. Então, levantamos a hipótese de que as opiniões acima citadas estejam, inclusive, permeadas pelos traços semânticos concebidos por Mollica (*op. cit.*).

Em se tratando da idéia apregoada pela tradição gramatical, entendemos que a ida a uma manifestação reflete a idéia de que esta ação ocorreu só para um certo fim, isto é [-permanência], com a intenção de voltar em tempo determinado.

Tabela 6 – Grupo 1 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos

FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS					Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
A	Matutino	Feminino	3º	18-22		67%	-	-
		MAsculino	1º		-	-	-	75%
	Noturno	Masculino	1º	18-22	67%	-	33%	-
PARA	Matutino	Masculino	1º	18-22	-	75%	75%	-
			3º		67%	-	-	-
	Noturno	Feminino	1º	16-17	-	-	-	65%
PRA	Noturno	Feminino	1º	14-15	-	-	-	50%
			3º	18-22	-	-	74%	-
		Masculino	1º	18-22	-	67%	-	-
			3º	16-17	32%	-	-	-
NA	Noturno	Feminino	1º	14-15	44%	-	-	-
		Masculino	1º	18-22	-	43%	86%	-
					-	-	-	100%

Se considerarmos que a preposição **pra** é concebida como a reduzida da forma plena **para**, a qual se encontra entre as variantes padrão, surge uma questão que será discutida mais adiante, isto é, por que os sujeitos não a tomaram para si? Ao contrário, ela obteve o índice de 74% como “a mais freqüente na fala dos outros”.

Vamos, agora, observar o grupo 2, cujo referente locativo *supermercado* apresenta traços [+fechado], [+definido] e [-permanência], o que sugere o uso, neste caso, a escolha dos sujeitos pelas variantes **em** e **a**.

(A) Mulheres, antes de ir ao supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é uma forma de economia.

(B) Mulheres, antes de ir no supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é uma forma de economia.

(C) Mulheres, antes de ir para o supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é uma forma de economia.

(D) Mulheres, antes de ir pro supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é *uma* forma de economia.

Tabela 07 - Grupo 2- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos

	a mais correta		a mais fácil de entender		a mais freqüente na fala dos outros		a mais freqüente em sua fala		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
ir ao	222	38%	149	25%	87	15%	132	22%	590	100%
ir no	195	22%	208	24%	209	24%	260	30%	874	100%
ir para	133	26%	166	33%	84	17%	120	24%	503	100%
Ir pro	59	13%	80	18%	225	49%	91	20%	455	100%

Nesse grupo, cujo enunciado de origem (A) foi transcrito do noticiário “Jornal Nacional”, verificamos o referente locativo *supermercado* como [+fechado] pois, além de estar acompanhado por um artigo definido, situa-se em um local previamente determinado, caracterizando-se, assim, entre os ambientes que possuem um teto, entrada e saída definidos.

Ao mesmo tempo, o referente encontra-se entre os que possuem traços de [+definido], apresentando o maior grau de definitude, visto receber dois traços positivos, isto é, a presença de um artigo definido e o fato de seu significado fazer parte do conhecimento lingüístico, seja do falante ou do ouvinte.

Postula Mollica (*op. cit*) que, quanto [+definido] e [+fechado] se apresentar o referente locativo, maior a “chance” de ser regido pela preposição **em/no**. No entanto, observamos que a *percepção* desta variante perpassou este referencial teórico, apenas, como “a mais freqüente em sua própria fala”, com 30%.

Temos a noção de que a ida ao *supermercado* denota que a estada no local não será longa. Assim, fica sugerido que este aspecto foi considerado pelos alunos, somente, ao conceberem a preposição **a** como “a mais correta”, com 38%.

Além disso, Pedrão (2002), após pesquisar as ocorrências dessa preposição no século XVI, assevera que o sintagma masculino representado, aqui, pela palavra *supermercado* corrobora para que se empregue a variante *a*.

Tabela 08 – Grupo 2 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços lingüísticos

FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS					Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
AO	Matutino	Masculino	1º	18-22				100%
			3º	16-17				
	Noturno	Feminino	1º				35%	
		Masculino	1º	18-22	67%	67%		
NO	Matutino	Feminino	3º	18-22				83%
		Masculino	1º	16-17	57%	86%		
	Noturno	Feminino	1º	18-22			75%	
			1º	18-22	57%			
PARA	Matutino	Feminino	3º	18-22			33%	
		Masculino	1º		50%			
	Noturno	Feminino	3º	18-22			33%	
		Masculino	3º	18-22		48%		37%
PRO	Matutino	Feminino	1º	16-17				40%
			3º	18-22	33%		67%	
	Noturno	Feminino	3º	18-22	33%			
			1º	16-17		27%		

Quanto aos fatores não lingüísticos, de acordo com a tabela, a variante **em/no** apresentou o índice mais elevado ao ser votada como “a mais fácil de entender”, com 86% e a “mais freqüente na fala dos outros com 75%, pelos sujeitos do Sexo masculino, cursando 1ª série do Período noturno, na Faixa Etária compreendida entre 18-22.

A seguir, analisaremos o grupo 3 que apresenta os seguintes referentes locativos: a) Senac: [-definido], [+fechado] e [-permanência]; b) colégio:

[+definido], [+fechado] e [-permanência]; c) Santo Antonio da Platina: [-definido], [-fechado] e [+permanência].

(A) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir pro Senac. Normalmente, depois do handebol, venho pro colégio. Nas férias fui pra Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.

(B) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir para o Senac. Normalmente, depois do handebol, venho para o colégio. Nas férias fui para Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.

(C) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir ao Senac. Normalmente, depois do handebol, venho ao colégio. Nas férias fui a Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.

(D) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir no Senac. Normalmente, depois do handebol, venho no colégio. Nas férias fui em Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.

Tabela 09 – Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos

	a mais correta		a mais fácil de entender		a mais freqüente na fala dos outros		a mais freqüente em sua fala		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
ir pro	148	23%	123	19%	226	35%	154	24%	653	100%
ir para	183	27%	198	29%	108	16%	184	27%	673	100%
ir ao	168	31%	146	27%	114	21%	115	21%	543	100%
ir no	108	20%	138	25%	155	28%	152	27%	553	100%

Os índices acima divulgados são referentes ao terceiro grupo, o qual advém da fala transcrita de uma aluna cuja forma original era (D) e apresenta três referentes, os quais citamos *Senac*, *Colégio* e *Santo Antonio da Platina*. Os dois primeiros locativos podem ser classificados como [+fechado] pois, conforme sabemos, tratam-se de locais cercados por um muro, cobertos por um teto e apresentando, inclusive, entradas e saídas definidas.

Por outro lado, o terceiro referente, *Santo Antonio da Platina*, por não preencher os requisitos descritos anteriormente, deve ser agrupado com o traço [-fechado]. Outra singularidade é o fato de pressupor a idéia de [+permanência] em relação aos demais. Isto porque a ida a uma cidade para participar de um campeonato requer maior espaço de tempo, se relacionado à permanência em um curso no *Senac* e *colégio* de ensino regular, os quais envolvem [-permanência].

Quanto ao Grau de Definitude, observamos no primeiro referente, *Senac*, traços que permitem-nos considerá-lo mais ou menos definido, pois, apesar de possuir um determinante, não fazer parte do conhecimento partilhado de todos os envolvidos nessa pesquisa, principalmente os que freqüentam a 1ª série. Diante disso, ele se torna um referente com *Grau de definitude média*. O terceiro referente, *Santo Antonio da Platina*, apresenta um referente pouco conhecido tanto pelo falante quanto pelo ouvinte. Além disso, temos a ausência de um determinante definido, o que o torna um referente com *grau de definitude baixa*. Em resumo, temos, neste grupo, referentes pertencentes aos três graus de definitude.

Como resultado, os traços semânticos [-definido] e [-fechado] e a noção de [-permanência] podem ter sido relevantes à *percepção* das preposições **a/ao** como “a mais correta” com 31%. De modo semelhante, a forma **para** como “a mais fácil de entender”, com 29% e “a mais freqüente em sua fala”, com 27%. Quanto aos traços [+definido] e [+fechado], detectamos a variante **em** como “a mais freqüente em sua fala”, com 27%.

Tabela 10 – Grupo 3 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços lingüísticos

FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS					Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
PRO	Matutino	Feminino	3º	18-22	83%			
		Masculino	1º					75%
	Noturno	Masculino	3º	18-22		33%		
			1º			33%	100%	
PARA	Matutino	Masculino	1º	18-22	100%		75%	
			3º					
	Noturno	Feminino	1º	14-15			44%	
		Masculino	1º	18-22				100%
AO	Matutino	Feminino	3º	16-17			72%	
			3º	18-22		67%		50%
	Noturno	Feminino	3º	18-22	56%			
NO	Matutino	Masculino	1º	18-22			75%	
			1º	14-15				44%
	Noturno	Feminino	3º	18-22	71%			
						41%		

A tabela denota a variante **para** como “a mais correta”, com 100% entre o Sexo masculino, 1ª e 3ª séries, Faixa Etária 18-22, Período matutino, bem como “a mais freqüente em sua fala” na opinião dos meninos com idade idêntica àqueles que vão à escola no Período adverso, para cursar a 1ª série.

Desses resultados, podemos inferir que os alunos mais velhos que freqüentam a série final avaliam as formas padrão como “as mais corretas” e, até mesmo cursando a 1ª série, tomam, neste caso, o **para** como “a freqüente em sua fala”, apesar de esta não ser a realidade. Interessante é que a forma reduzida **pra** foi tomada como “a mais freqüente na fala dos outros”, com 100% dos votos, na opinião dos mesmos.

Finalizando a análise dos enunciados referentes ao Verbo Ir, analisaremos o grupo 4, no qual temos o referente locativo *campinho* marcado pela

presença dos traços semânticos [+definido], [+fechado] e [-permanência]. Sendo assim, a possível *percepção* pelas variantes **em** e **a** fica sugerida.

(A) Quase todos os dias, depois do almoço, vou para o campinho e só volto para ver Malhação.

(B) Quase todos os dias, depois do almoço, vou no campinho e só volto para ver Malhação.

(C) Quase todos os dias, depois do almoço, vou ao campinho e só volto para ver a Malhação.

(D) Quase todos os dias, depois do almoço, vou pro campinho e só volto para ver a Malhação.

Tabela 11 – Grupo 4- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos

	a mais correta		a mais fácil de entender		a mais freqüente na fala dos outros		a mais freqüente em sua fala		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
vou para	172	32%	158	29%	80	15%	128	24%	538	100%
vou no	182	21%	223	25%	229	26%	251	28%	885	100%
vou ao	155	36%	140	33%	49	11%	85	20%	429	100%
vou pro	100	18%	85	15%	247	43%	136	24%	658	100%

A tabela acima informa os resultados obtidos do grupo 4 cuja construção transcrita pertence à fala de um aluno. A construção (D) possui o referente locativo *campinho* o qual pode ser considerado como [+ fechado], já que, apesar de não possuir teto, apresenta-se em um local fixo cuja entrada é conhecida por todos os que o freqüentam. Isto possibilita a ocorrência da preposição **em** visto que pode conotar “posição no interior de”, “dentro dos limites de”. (CUNHA e CINTRA, 1985). Da mesma forma, por possuir um determinante definido e se tratar de um referente conhecido pelos indivíduos que participam do processo de

interlocução, a “chance” da presença da preposição **em** é bem mais acentuada. (MOLLICA, 1989). Apesar disso, os traços discutidos até aqui parecem ter sido relevantes, apenas, para a *percepção* da forma “mais freqüente em sua fala” com 28%.

Em contrapartida, a idéia de [-permanência], visto que a ida ao *campinho* é marcada por um período que compreende o depois do almoço e o início do programa “Malhação”, apresenta indícios de relevância para a *percepção* da forma **a/ao** como “a mais correta” com 36% e “a mais fácil de entender”, com 33%.

Tabela 12 – Grupo 4 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços lingüísticos

FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS					Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
PARA	Matutino	Feminino	3º	18-22				50%
		Masculino	1º					50%
	Noturno	Feminino	3º	18-22	100%		40%	
		Masculino	3º			52%		
NO	Matutino	Feminino	3º	18-22	67%		50%	
		Masculino	3º			67%		
	Noturno	Masculino	3º	18-22				100%
AO	Matutino	Feminino	3º	18-22		50%		
		Masculino	3º	16-17				39%
	Noturno	Feminino	1º	18-22	43%		67%	
PRO	Matutino	Masculino	1º	16-17				43%
			3º	18-22	75%		100%	
	Noturno	Feminino	3º	18-22		57%		

A última tabela dos fatores lingüísticos referentes ao verbo *Ir* demonstra a variante **para** como “a mais correta” com 100% para os sujeitos pertencentes à Faixa Etária 18-22, cursando as 1ª e 3ª séries no Período matutino. Pela primeira vez, a forma **em/no** obteve o maior percentual como “a mais fácil de entender”, atingindo o índice de 67%, cuja indicação adveio do Sexo masculino, 3ª

série, 18-22, Período noturno. Da mesma maneira, como “a mais freqüente na fala dos alunos”, com 100%. E, novamente, a reduzida **pra** foi eleita como a “mais freqüente na fala dos outros” com 100%.

Concluindo, nos quatro grupos de enunciados sobre o verbo Ir, independentemente dos traços semânticos, os índices demonstraram que, com freqüência, sempre que solicitamos o voto pela forma “mais correta”, a opção foi a variante **a**; **para** como “a mais fácil de entender”, sua reduzida **pra** como “a mais freqüente na fala dos outros”; e **em** como “a mais freqüente na fala dos alunos”.

3.5.2.2 Verbo Chegar

É notória a escassez de pesquisas específicas sobre a regência do verbo Chegar. Nesse estudo, a análise dos grupos de enunciados referentes a ele, com as preposições **a** e **em**, parte dos mesmos princípios utilizados para o verbo Ir.

No grupo que segue, o número 5, o referente locativo *casa* caracteriza-se como [+definido] e [+ fechado] e, ainda, [-permanência]. Tais traços sugerem que a *percepção* dos alunos deveria ser pelas variantes **em** e **a**.

(A) Se ninguém pede pra trabalhar até tarde, chego a casa, descanso um pouquinho, é assim, minha rotina não muda muito.

(B) Se ninguém pede pra trabalhar até tarde, chego na minha casa, descanso um pouquinho, é assim, minha rotina não muda muito.

Tabela 13 – Grupo 5- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos

	a mais correta		a mais fácil de entender		a mais freqüente na fala dos outros		a mais freqüente em sua fala		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
chego em	457	25%	426	23%	478	26%	470	26%	1831	100%
chego a	148	25%	169	29%	127	22%	145	25%	589	100%

Temos, aqui, uma construção transcrita da fala de um aluno cuja forma original corresponde a (B), ou seja, uso da forma não padrão. O referente locativo *casa* é caracterizado como [+fechado] devido à presença de paredes, entrada e saída definidas e com teto. Além disso, quando se trata da casa do locutor, mesmo não possuindo um determinante, é considerado como [+definido]. Assim, fica sugerida maior “chance” de ocorrer a variante **em**. Foi o que verificamos, quando obtivemos o índice de 26% para a forma **em** como “a mais freqüente na fala dos outros”, tal qual “mais freqüente em sua fala” e o percentual de 25%, idêntico a sua concorrente, **a**, ao se referir à variante “mais correta”.

Se considerarmos que a informação transmitida pelo informante supõe uma permanência curta, isto é, chegou em casa, apenas, para um breve descanso, entenderemos que existe aí a noção de [-permanência]. Logo, a possibilidade de que a *percepção* pela preposição **a** como “a mais correta” esteja envolta nesta idéia com 29%.

Tabela 14 – Grupo 5 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos

FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS				Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
EM	Matutino	Feminino	1º	14-15		100%	
			3º	16-17		100%	
			18-22		100%		
	Noturno	Masculino	3º	18-22			100%
		Feminino			93%		
		Masculino	1º			100%	100%

Sobre os fatores não lingüísticos, a tabela revela a percepção expressiva dos sujeitos pela variante **em**. Para a opção “a mais correta” com 93%, e 100% como “a mais fácil de entender” e “a mais freqüente na fala dos alunos” dos Sexos masculino e feminino, 1ª e 3ª séries que vão à escola em ambos os Períodos.

Finalmente, com o mesmo percentual, “a mais freqüente na fala dos outros” foi considerada pelos sujeitos do Sexo Feminino de ambas as séries e pertencentes aos três fatores que constituíram a variável Faixa Etária, isto é, 14-15, 16-17 e 18-21. Como vemos, neste grupo de enunciados, os fatores extralingüísticos foram decisivos para a percepção da variante **em** nas quatro opções à que foi submetida.

Surge, aqui, uma contradição em relação ao verbo Ir já que, em geral, a variante estigmatizada, considerada “incorreta” pela gramática tradicional, raramente foi concebida como “a mais correta” ou “a mais fácil de entender”. Citamos como uma das causas possíveis para o resultado em ênfase, o fato de a regência do verbo Chegar ser menos comentada pelos comandos paragramaticais, gramáticas escolares e outros.

No grupo 6, temos para o referente locativo *estacionamento* os traços semânticos [-definido] e [+fechado], bem como a noção de [-permanência]. Então, fica sugerida a *percepção* dos sujeitos pelas variantes **a** e **em**.

(A) Em 15 minutos a polícia chegou no estabelecimento.

(B) Em 15 minutos a polícia chegou ao estabelecimento.

Tabela 15 – Grupo 6- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos

	a mais correta		a mais fácil de entender		a mais freqüente na fala dos outros		a mais freqüente em sua fala		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
chegou no	355	22%	394	24%	459	28%	406	25%	1614	100%
chegou ao	248	31%	214	27%	146	18%	198	25%	806	100%

Neste grupo, a construção transcrita do programa “A hora da Verdade” é oriunda da opção (A), marcada pela presença da variável não padrão. Temos aqui um referente locativo que, embora possua o determinante, não é facilmente identificado pelo ouvinte ou falante, devido ao seu significado vago e impreciso. Quando isso ocorre, caracteriza-se a presença de um referente com *grau de definitude médio*.

Pode ser classificado como [+fechado], visto que, seja qual for o tipo de estabelecimento, entendemos que possui limites que determinam sua posição em um lugar fixo, como também recursos, entre os quais citamos paredes, portas e teto, objetivando a manutenção do mesmo.

Consideremos, ainda, que a polícia, ao chegar ao local cuja presença foi solicitada, permanece ali somente até o momento em que o problema for solucionado, ou seja, temos, também, a sugestão da noção de [- permanência]

concebida, até então, apenas para o verbo *Ir*. Tais constatações suscitam uma ocorrência mais acentuada da variante **a** em relação ao **em**.

De fato, a variante **em** apresentou o índice mais elevado, ao ser votada como “a mais freqüente na fala dos outros”, com 28%. Os demais percentuais indicaram vantagem para a forma de prestígio **a (ao)** como “a mais correta”, com 31%, “mais fácil de entender”, com 27% e, inclusive, com índice equivalente à forma **em (no)** como a “mais freqüente na fala dos outros”, com 25%.

Tabela 16 – Grupo 6 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos

FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS					Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
NO	Matutino	Feminino	1º	16-17			100%	
		Masculino	3º	18-22			100%	100%
	Noturno	Feminino	1º	18-22	100%	100%		
AO	Matutino	Feminino	1º	18-22		100%		

Ao contrário do que ocorreu com as *concepções* dos sujeitos no que condiz aos traços semânticos, segundo anuncia a tabela referente aos fatores não lingüísticos, a preposição de prestígio **ao** obteve seu maior índice, somente como “a” “mais fácil de entender”, atingindo 100% na *concepção* dos alunos do Sexo feminino que freqüentam o Período matutino, na 1ª série, pertencentes à Faixa Etária entre 18-21.

No penúltimo grupo, o número 7, temos o referente locativo *esquina* reconhecido como referente [-definido] e [-fechado], além da possível noção,

atribuída por nós, de [-permanência]. Assim, tudo leva a crer que a preferência deva ser pela variante **a** .

(A) Engraçado, mulher feia não tem coragem de chegar à esquina e tirar toda a roupa. Agora só porque ela é bonita e gostosa, tem que chegar à esquina e tirar toda a roupa para os homens ver.

(B) Engraçado, mulher feia não tem coragem de chegar na esquina e tirar toda a roupa. Agora só porque ela é bonita e gostosa, tem que chegar na esquina e tirar toda a roupa para os homens ver.

Tabela 17 – Grupo 7- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos

	a mais correta		a mais fácil de entender		a mais freqüente na fala dos outros		a mais freqüente em sua fala		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
chegar à	278	31%	218	25%	146	16%	244	28%	886	100%
chegar na	327	21%	386	25%	459	30%	362	24%	1534	100%

Neste grupo, temos construção (B) marcada pela presença da variante não padrão, a qual foi proferida no programa “Jô Soares, onze meia”. O referente, mesmo apresentando um determinante definido, o locativo *esquina*, representa-se como um lugar indefinido, possui uma difícil classificação, o que o leva a fazer parte dos locativos [-definido] e [-fechado].

Ao mesmo tempo, o contexto deste enunciado, o número sete, indica que a chegada da mulher até a *esquina* supõe uma permanência curta, visto que seu objetivo é apenas exibir seu corpo àqueles que ali estiverem. Nesse sentido, fica implícita a noção de [- permanência], o que pode contribuir para que os alunos dirijam sua *percepção* para a variante de prestígio.

Assim, existe a suposição de que a escolha da preposição *a* como “a mais correta”, com 31%, “a mais freqüente na fala dos alunos”, com 28% e, com o mesmo índice de sua concorrente, isto é, 25% em relação “à mais fácil de entender” esteja intrinsecamente ligada aos traços e noções presentes no referente locativo *esquina*.

Tabela 18 – Grupo 7 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos

FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS					Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
A	Matutino	Masculino	1º	18-22		100%	100%	
			3º		100%			
	Noturno	Masculino	1º	18-22	100%	100%	100%	
			3º				88%	

Os dados da tabela evidenciam que também os fatores não lingüísticos influenciaram para que ocorresse uma preferência mais acentuada pela forma não estigmatizada *a*. A *percepção* mais significativa foi verificada em todas as opções, apresentando uma oscilação de 88% a 100% pelos sujeitos do Sexo masculino, na Faixa Etária entre 18-22 que cursam a 3ª série, em ambos os Períodos. Citamos, inclusive, outras determinantes para essa escolha. Primeiramente, a presença do verbo Chegar no infinitivo que, segundo Pedrão (2002), no século XVI, influenciou o uso da preposição *a*. Bagno (2000) revela que com a presença de um referente [+abstrato], nesse caso a palavra *esquina*, predomina a variante padrão.

Para finalizar, no próximo grupo, o número 8, temos o referente locativo *cemitério* caracterizado como [+definido] e [+fechado] e, ao nosso ver,

[+permanência] o que pode vir a sustentar a hipótese de preferência pela variante **em**.

(A) Quando o corpo do jornalista Roberto Marinho chegou ao cemitério São João Batista, já havia uma multidão à espera.

(B) Quando o corpo do jornalista Roberto Marinho chegou no cemitério São João Batista, já havia uma multidão à espera.

Tabela 19 – Grupo 8- Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços semânticos

	a mais correta		a mais fácil de entender		a mais freqüente na fala dos outros		a mais freqüente em sua fala		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
chegar ao	339	38%	221	25%	146	16%	185	21%	891	100%
chegar no	266	17%	384	25%	459	30%	420	27%	1529	100%

Advindo do programa “Jornal da record”, o enunciado (A) é marcado pelo uso da forma de prestígio e pela presença de um referente locativo, *cemitério*, [+definido], pois está acompanhado por um determinante definido, além de ser facilmente identificável quer pelos ouvintes quanto pelos falantes. Por se tratar de um local cercado por muro, com entrada e saída definidas, apesar de, na maioria dos casos, não possuir teto, pode ser classificado como um referente [+fechado]. Soma-se a isso a noção de [+permanência], haja vista que a chegada de um corpo ao cemitério pressupõe que sua estada, ali, será para sempre.

Tais características podem ter conduzido a percepção dos alunos rumo à forma **em (no)** como “a mais freqüente na fala dos outros”, com 30%, “em sua fala”, com 27% e, com percentual equivalente à sua concorrente, “a mais fácil de entender”, com 25%.

Tabela 20 – Grupo 8 - Resultado da escolha dos alunos em relação às variantes segundo os traços não lingüísticos

	FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS				Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
EM	Matutino	Masculino	1º	18-22	100%			
	Noturno	Feminino	3º	18-22			93%	
		Masculino	1º					100%
A	Noturno	Masculino	3º	16-17		90%		

No que condiz aos fatores não lingüísticos, exceto na opção “a mais fácil de entender”, cujos votos foram pela variante **a**, com 90% na opinião dos alunos pertencentes ao Sexo masculino, 3ª série, Faixa Etária 16-17, as demais foram em direção da preposição **em/no**, especialmente entre o Sexo masculino, 1ª série, na Faixa Etária 18-22.

Em síntese, verificamos, uma semelhança entre os resultados encontrados sobre a possível influência dos traços semânticos estudados por Mollica (1989) sobre a regência do verbo *ir* e, até mesmo, da suposta influência da noção de [+permanência], suscitada por nós, quando há presença da variante **em**.

Tendo em mente que a análise desenvolvida, até agora, tomou os grupos de enunciados separadamente, julgamos essencial, em última instância, uma investigação pautada no verificar das probabilidades condizentes aos fatores lingüísticos e não lingüísticos que determinaram a *percepção* dos alunos em direção a uma ou a outra variante.

3.5.3 Probabilidade Das Variáveis Lingüísticas e Não Lingüísticas

O critério adotado nesta última fase da análise é o de que as probabilidades são referentes às situações em que as variantes **a**, **em**, **para** e **pra** foram votadas, sem levar em conta a proporção dos índices obtidos. Cabe salientar que, quando os números não ultrapassaram .50, não houve relevância; igual .50, resultado neutro e, maior que .50, há probabilidade de o fator ter sido relevante.

3.5.4 Variáveis não lingüísticas – Resultado final

Embora não tenham sido enfocadas nos estudos que compõem a teoria nuclear que embasa esta pesquisa, acreditamos que, se aliarmos as variáveis não lingüísticas aos fatores semânticos, os resultados finais poderão suscitar conclusões mais consistentes.

3.5.4.1 Escolaridade

Dentre todas as variáveis externas, a Escolaridade desperta em nós, professores de sala de aula e pesquisadores dos fenômenos de variação lingüística, uma atenção especial, uma vez que condiz ao contexto no qual atuamos, ou seja, as séries que constituem os níveis escolares.

Tabela 21 – Resultado Final- Variável Escolaridade

	Verbo IR									Verbo CHEGAR	
	A		PARA		PRA		EM		A		
	1º	3º	1º	3º	1º	3º	1º	3º	1º	3º	
A mais fácil de entender	-	-	-	.53	.53	-	-	-	-	.52	
A mais freqüente na fala dos outros	.53	-	.55	-	-	.56	.55	-	.55	-	
A mais freqüente na fala dos alunos	.55	-	.55	-	.52	-	-	.55	-	.52	

A opção “a mais freqüente na fala dos outros”, em relação à variante **a**, teve a variável Escolaridade com a probabilidade de .53 para o fator 1ª série e .55 em sua própria fala, como possível determinante. Após passarem oito anos no ensino fundamental, haja vista que, no último destes, na 8ª série, mantiveram contato direto com as regras categóricas da regência dos verbos Ir, acreditamos que a maioria dos alunos já sabe reconhecer qual a variante de prestígio, passando a se considerarem usuários, ainda que a realidade não seja esta. Citamos, ainda, a prática freqüente do processo de refação de textos que ocorre na modalidade escrita, na escola, isto é, a correção das produções realizadas de forma interativa entre professor e aluno, permitindo a estes uma vivência maior com as regras prescritivas da gramática normativa via comentários efetuados pelos docentes. É correto referenciar que esse tipo de atividade pode ter contribuído para que os sujeitos dirigissem sua *percepção* à forma de prestígio.

O fator 3ª série, com a probabilidade de .53, foi relevante para determinar a variante **para** como “a mais fácil de entender”. Já o fato de os alunos freqüentarem a 1ª série atuou na votação da variante **para** como “a mais freqüente na fala dos outros” como também “a mais freqüente na fala dos alunos”, atingindo .55 de probabilidade.

Dado ao fato de os mesmos se encontrarem em um momento crítico de suas vidas, conviverem com um número maior de manifestações lingüísticas que refletem a norma padrão, as possibilidades para reconhecerem o **para** como “a variante mais fácil de entender” tornam-se mais consistentes. Simultaneamente, é, a necessidade do domínio dessa a condição básica para que possam atingir uma posição de ascensão social condizente com o que foi almejado nos anos anteriores.

Das vezes em que os alunos se decidiram pela forma **pra** como “a mais fácil de entender”, o fator 1ª série, com a probabilidade de .53, mostrou-se condicionante. Com .56, o fator 3ª série mostrou-se preponderante para a *percepção* desta variante como “a mais freqüente na fala dos outros”. E o fator 1ª série, com .52, atuou na escolha da forma reduzida **pra** como “a mais freqüente na fala dos alunos”. Ao contrário dos discentes da 3ª série, aqueles reconhecem mais facilmente a realidade lingüística em que estão inseridos. Talvez porque representam papéis menos compromissados, agem com mais naturalidade diante dos fatos, visto não estarem expostos, ainda, à avaliação dos segmentos sociais.

Em geral, a variante **pra** se caracteriza como sendo a forma falada da preposição **para**. Logo, é perfeitamente natural que as pessoas a utilizem durante a conversação. Conseqüentemente, o fato de ser ouvida, com freqüência, em enunciados proferidos rotineiramente, pode ter sido atuante à *percepção* da forma reduzida como “a mais fácil de ser entender”.

Para exemplificar, retomamos Barbalho (2001), ao estudar a síncope da preposição **para** em enunciados lingüísticos musicais na língua escrita. Reconheceu que a forma reduzida **pra** encontra-se presente em todos os ritmos musicais, de acordo com o estilo a que pertencem e, de forma mais acentuada nos estilos Sertaneja, Rock, Samba, os quais são bastante ouvidos pelos adolescentes.

Tal como exposto na tabela, o fato de os alunos pertencerem à 1ª série determinou *percepção* mais acentuada pela forma **em** como “a mais freqüente na fala dos outros” (probabilidade .55), assim como quando foi considerada “a mais freqüente em sua fala” devido ao fator 3ª série.

Tendo em mente a evolução verificada nos sujeitos quanto á passagem dos sujeitos uma série para a seguinte, ou mesmo dentro do próprio ano letivo, percebemos, nos alunos da 3ª série, um grau de evolução que expõe um despojamento em relação às variantes de prestígio. Então, torna-se mais fácil perceber a realidade lingüística que os cerca.

Mesmo diante das informações divulgadas pela instituição escolar de que a forma de prestígio **a** seja “a mais correta”, na maioria das vezes, reconhecem como freqüente aquela que se manifesta no contato direto que mantêm com as pessoas com as quais convivem diariamente, isto é, seus amigos, familiares e, ainda, as manifestações artísticas encontradas em músicas, filmes, novelas contemporâneas entre outras.

Em conclusão a estas observações, ressaltamos que, apesar de as duas séries terem sido relevantes para a *percepção* dos alunos, o fator 1ª série foi detectado 8 vezes pelo programa VARBRUL, contra 5 da série final. Ainda assim, coube ao condicionante 3ª série a probabilidade de .56 para que os sujeitos percebessem a variante **pra** como “a mais freqüente na fala dos outros”.

Com o verbo Chegar, nos casos em que a variante **a** foi votada como “a mais freqüente na fala dos outros”, o fator 1ª série, com a probabilidade de .55, como “a mais fácil de entender” e fator 3ª , com .52 refletiu-se como significativa. Reparemos que os sujeitos das séries iniciais se mostram menos preocupados em informar a presença da forma padrão em sua fala, enquanto os outros apontam-na

como “a mais fácil de ser entender”.

Ao reconhecerem-na como “a mais freqüente em sua fala”, temos o fator 3ª série, com a probabilidade de .52. Possivelmente, as causas sejam as mesmas do verbo Ir, isto é, as exigências impostas pelo provável ingresso ao mercado de trabalho, assim como a questão relacionada à *insegurança lingüística* instituída em alguns contextos.

3.5.4.2 Faixa etária

Na maioria das vezes, embora sem a devida comprovação, os sujeitos julgam fácil a *percepção* quanto às diferenças lingüísticas ocorridas, levando em conta à Faixa Etária a qual o falante pertence. Mas, somente um estudo sistemático poderá anunciar resultados confiáveis. É a este aspecto que nos dedicamos agora.

Tabela 22 - Resultado Final- Variável Faixa Etária

	Verbo IR				Verbo CHEGAR			
	A		PARA		A		PARA	
	16-17	18-22	16-17	18-22	16-17	18-22	16-17	18-22
A mais freqüente na fala dos outros	.57	-	-	-	-	-	.56	-
A mais freqüente na fala dos alunos	-	.54	-	.54	-	-	-	-

Através dos pesos relativos que constam na tabela acima,

verificamos a relevância da variável Faixa Etária, fator 16-17 para a indicação da variante **a**, ao ser percebida como “a mais freqüente na fala dos outros”, com a probabilidade acentuada de .57 e com .54, como “a mais freqüente na fala dos alunos”.

A variante **para** foi votada como “a mais freqüente na fala dos alunos”. Existe a probabilidade de .54 de que tal percepção tenha ocorrido pela influência do fator Faixa Etária 18-22. Confirmamos, assim, a necessidade de auto afirmação lingüística dos alunos pertencentes à Faixa Etária mais avançada marcada pelo julgarem dos mesmos como usuários das variantes pertencentes à norma culta.

Já com o verbo Chegar, o fator Faixa Etária 16-17, com a probabilidade de .56, mostrou-se significativa à *percepção* da forma de prestígio **a** como “a mais freqüente na fala dos outros”.

Diante destes resultados, podemos inferir que a regra gramatical que defende o uso das variantes padrão **a** e **para** é mais acentuada com o verbo Ir, daí, os alunos tomarem-na para si. Com o verbo Chegar, a construção com a forma **a** pode parecer-lhes “estranha”, “desconhecida”, conduzindo-os a sua indicação como “a mais freqüente na fala dos outros”.

Enfim, temos a informação quanto à relevância da variável Faixa Etária, fator 18-22, ao elegerem as variantes **a** e **para**, quando indicadas, como “as mais freqüentes em sua própria fala”, enquanto que o elemento Etária 16-17 atuou como condicionante à indicação da forma de prestígio **a** como “a mais freqüente na fala dos outros”. Em sentido oposto ao verbo Ir, com o verbo Chegar, temos .56 de probabilidade de que seja o fator 16-17 o responsável pela *percepção* da variante **em**, ou seja, a forma estigmatizada como “a mais freqüente na fala dos outros”.

3.5.4.3 Sexo

Um ponto a ressaltar é que o tema concernente à relação entre a variável Sexo e linguagem tem sido privilegiado nos estudos sociolingüísticos, através do desenvolvimento de inúmeras pesquisas científicas.

Tabela 23 – Resultado Final- Variável Sexo

	Verbo IR	
	Feminino	Masculino
A mais freqüente na fala dos outros		.52

A tabela deixa claro que, das vezes em que a forma **a** foi votada como “a mais freqüente na fala dos outros”, existe a probabilidade de .52 de que tenha sido a variável Sexo, fator masculino uma das causas principais.

Conforme vimos, nem sempre as hipóteses que buscamos testar por meio desta variável refletem o que, à primeira vista, parecia incontestável. Ou seja, em relação às demais variáveis extralingüísticas, esta apresentou índice pouco significativo à *percepção* dos sujeitos em relação às variantes **a**, **para**, **em** e **pra**.

3.5.4.4 Período

Em virtude da carência de estudos mais aprofundados sobre a variável a qual denominamos Período, compreendida pelos turnos matutino e noturno, consideramos procedente engajar sua análise às abordagens relativas à variável Classe Social dos falantes, a qual não está sendo abordada, de forma específica, nesta pesquisa.

Tabela 24 – Resultado Geral Período

	Verbo IR			
	A		EM	
	Matutino	Noturno	Matutino	Noturno
A mais fácil de entender	-	.52	-	-
A mais freqüente na fala dos outros	-	.51	.52	-

Como demonstra a tabela, nos casos em que a preposição **a** foi votada como “a mais fácil de entender”, temos como relevante a variável Período, fator noturno, com a probabilidade de .52 e a forma **em** como “a mais freqüente na fala dos outros” com .51. Diante deste resultado, fazemos uma breve digressão para relatar que os alunos pertencentes a este turno têm mostrado, com freqüência, sentimentos que revelam baixa auto-estima devido à Classe Social à que a maioria pertence.

Logo, dada a sua característica de observadores atentos da realidade que os cerca, passam a defender, mesmo que de forma idealizada, a visão de que, ao conceber como mais fáceis os termos circunscritos pela norma padrão, serão mais valorizados socialmente.

O fato de os alunos freqüentarem o Período matutino refletiu .52 de probabilidade para a predileção da variante **em** como “a mais freqüente na fala dos outros”. Tal fato permite-nos visualizar uma discrepância entre a visão que os sujeitos eleitores possuem, em algumas situações, quando afirmam que uma variante (**a**), por exemplo, é a “mais freqüente em sua fala”, conquanto apontem a variante **em** para a fala dos outros. Nesse sentido, percebemos, claramente, que existe a identificação da preposição **a** como variante de prestígio, a qual é vista como “a mais fácil de entender”, tomada para si, em detrimento da forma **em**. A relevância dos fatores que compõem esta variável ocorreu, apenas, em relação às variantes **a** e **em**, ou seja, as principais representantes da concorrência existente entre a forma padrão e a não-padrão.

Sob o ponto de vista de que a Classe Social à que pertencem os sujeitos que freqüentam o Período noturno no Ensino Médio é, em essência, constituída por indivíduos que compõem os estratos menos privilegiados da sociedade. Inferimos que decorra daí a probabilidade maior para este fator, quando se trata da *concepção* da variante de prestígio **a** como “a mais fácil de entender”. Ou seja, mesmo não sendo esta sua verdadeira opinião, divulgam-na com a expectativa de serem incluídos, mesmo que de forma imaginária, no grupo dos mais favorecidos socialmente. Em contrapartida, reforçando a realidade de que a exigência quanto ao uso da forma padrão na regência do verbo Chegar é menos acentuada, o mesmo fator atua como condicionante para a votação da variante **em**, como “a mais freqüente tanto em sua fala” como na das outras pessoas com as quais convivem.

Diante destas informações, optamos por proceder a um pequeno esquema que traduza a influência das variáveis lingüísticas e não lingüísticas no processo de eleição, começando pelo verbo Ir.

Nos casos em que a variante **a** foi votada como “a mais fácil de entender”, tivemos como fatores de relevância o Período noturno. Para esta mesma opção, a *percepção* para a preposição **para** condiz ao fator 3^a série e, quanto ao **pra**, o elemento 1^a série. Quanto ao verbo Chegar, verificamos a influência do fator 3^a série para a preferência pela variante **a**.

Em se tratando da variável dependente “a mais freqüente na fala dos outros”, as probabilidades foram pautadas nas seguintes variáveis: Escolaridade 1^a série e Faixa Etária compreendendo 16-17 e Sexo masculino para a *percepção* pela variante **a**; Escolaridade, fator 1^a série em direção ao **para** e Período matutino, para a forma **em**. No que condiz ao verbo Chegar, os resultados indicaram o fator 1^a para a variante **a e** pela Faixa Etária 16-17 para a forma **em**.

Quanto a variável dependente “a mais freqüente na fala dos alunos”, o programa escalou para as formas **a** e **para**, quando votadas, os fatores 1^a série e a Faixa Etária entre 18-22. Diferentemente, o **pra** sofreu a influência do fator 1^a série. Em contrapartida, com o verbo Chegar, tivemos o fator 3^a série, para a variante **a**.

Ao finalizarmos esta etapa da análise, faz-se urgente uma breve reflexão sobre a possível ocorrência de sobreposição de um fator ao outro. Tal panorama reside no fato de que há variáveis que intervêm e dificultam o discernimento do pesquisador sobre a verdadeira importância da cada fator, separadamente. Na próxima seção, sob a mesma estratégia aqui adotada, daremos

ênfase aos traços semânticos dos referentes locativos que determinaram, possivelmente, as escolhas dos alunos.

3.5.5 Variáveis lingüísticas - Traços Semânticos

Embora tenhamos em mente a existência de dificuldades em atribuir, de maneira singular, os fatores de ordem lingüística que atuam na sistematização de quaisquer fenômenos de variação, adotaremos, conforme já discorremos anteriormente, os condicionamentos semânticos Configuração no Espaço, Grau de Definitude e noções de [+permanência] e [-permanência], conforme os critérios estabelecidos por Pontes (1992) e Mollica (1989).

3.5.5.1 Grau de definitude

Esta variável apóia-se na teoria que preconiza a presença ou ausência de referentes locativos segundo os graus de definitude, ou seja, traços [+definido] e [-definido], os quais podem determinar o uso das variantes **a**, **para** e **em**. Em nossa pesquisa, preterimos o uso em detrimento da *percepção* dos sujeitos em se direcionar às mesmas formas lingüísticas.

Tabela 25 – Resultado Geral Grau de Definitude

	Verbo IR			
	A		EM	
	[+definido]	[-definido]	[+definido]	[-definido]
A mais correta	.57	-	-	.64
A mais fácil de entender	-	.54	-	.54
A mais freqüente na fala dos outros	-	.58	-	.58
A mais freqüente na fala dos alunos	-	.55	-	-

A tabela mostra que o traço semântico [+definido] com a probabilidade de .57 definiu a *percepção* dos sujeitos para a variante **a**, quando votada, como “a mais correta”. Exemplificando, *ir ao supermercado, ir ao colégio, ir ao campinho*. Já o traço [-definido], representado pelas construções *ir a uma manifestação, ir ao Senac e ir a Santo Antonio da Platina*, com .54 revelou-se determinante nos casos em que ela foi concebida como a “mais fácil de entender”; com .54, [-definido] com .58 como “a mais freqüente na fala dos outros” e .55 como “a mais freqüente na fala dos alunos”.

Os estudos de Mollica (1989) confirmam que a variante **a** ocorre mais freqüentemente quando o referente locativo apresenta o traço semântico [-definido]. No entanto, conforme descrevemos acima, o Programa detectou como relevantes para a *escolha* dos sujeitos traços semânticos das duas naturezas. Este resultado pode ser justificado pela presença, no *corpus*, dos diferentes tipos de referentes locativos, ou seja [+definido]: *supermercado, colégio e campinho*; [-definido]: *Santo Antonio da Platina manifestação e Senac*.

O panorama em questão permite-nos retomar a palavra “chance” utilizada por Mollica (1989). Entendemos que, apesar de a presença de um determinado locativo possibilitar, em maior grau, a presença de uma variante, seja

ela qual for, não podemos descartar a hipótese de a outra também poder ser usada e, conseqüentemente, votada/escolhida.

Nas situações em que a forma **em** foi percebida como “a mais correta”, atuou o fator [-definido], cujos referentes já foram mencionados, com a probabilidade acentuada de .64, “a mais fácil de entender”, com .54, e “a mais freqüente na fala dos outros”, com .58. No entanto, conforme Mollica (*op. cit*), quando o referente locativo se apresentar com sentido vago, impreciso e acompanhado de artigo ou pronome indefinido, há mais “chance” para que ocorram as preposições **a/para**. No *corpus* apresentado aos alunos, há três enunciados cujos referentes locativos sugerem este aspecto indefinido: “*ir numa manifestação*”, “*ir pro Senac*” e “*ir pra Santo Antonio da Platina*”.

Cabe aqui uma reflexão sobre as probabilidades obtidas no que tange à variante **a** como “a mais correta”, uma vez que o traço semântico evidenciado [+definido] com .57 não corresponde à descrição de Mollica (1989). E, de forma acentuada, esta divergência se confirmou com a forma **em**, na qual todos os fatores condicionantes são do tipo [-definido].

3.5.5.2 Configuração no espaço

Mesmo não apresentando níveis de configuração, como ocorre com a variável anterior, e variável semântica Configuração no Espaço permite uma análise pormenorizada dos referentes locativos que se antepõem às variantes em estudo.

Tabela 26 – Resultado Final- Configuração nos Espaço

	Verbo IR				Verbo CHEGAR			
	A		EM		A		EM	
	[+fechado]	[-fechado]	[+fechado]	[-fechado]	[+fechado]	[-fechado]	[+fechado]	[-fechado]
A mais correta	-	.65	-	-	-	-	-	-
A mais fácil de entender	-	-	-	-	-	.59	.51	-
A mais freqüente na fala dos outros	.55	-	.55	-	-	-	.51	-
A mais freqüente na fala dos alunos	.52	-	-	-	-	-	-	-

Para a *percepção* da variante **a** como “a mais correta” entre as demais, atuou o traço semântico [-fechado] com a probabilidade de .65. Assim, reescrevemos a construção *fui a Santo Antonio da Platina*.

Ao ser eleita como “a mais freqüente na fala dos outros” assim como na fala dos alunos, tivemos como significativo o fator [+fechado] com .55 e .52, respectivamente, os quais podem ser ilustrados pelos locativos: *ir ao supermercado*, *ir ao Senac*, *ir ao colégio*, *ir ao campinho*. Convém salientar que os dois últimos índices contrariam a hipótese de Mollica (*op. cit*), considerando que a maior chance, neste caso, é para o traço [-fechado]. Todavia, o mesmo não ocorreu com a variante **em**, cujo fator relevante fez-se refletido pelo traço semântico [+fechado], com .55 de probabilidade.

Na regência do verbo Chegar, nos casos em que a variante **a** foi escolhida como “a mais fácil de entender”, atuou o traço semântico [-fechado] com .59. Já o traço [+fechado] mostrou-se determinante para a vitória da forma **em** como “a mais fácil de entender” e “a mais freqüente na fala dos outros”, com a probabilidade de .51. Para ilustrar, citamos: *chegar em casa*, *chegou no*

estabelecimento e *chegou no cemitério*. Sobre esta variável, percebemos que a teoria quanto ao uso das preposições na regência do verbo *Ir* pode também influenciar a *percepção* do aluno em relação às variantes, já que os fatores cujas probabilidades favoreceram as escolhas da variante **a** ora foram [+fechado] ora [-fechado], embora o primeiro tenha sido detectado duas vezes. Nesse caso, retomamos, novamente, a palavra “chance” a qual já foi destacada em outras ocasiões, isto é, existe a possibilidade para a ocorrência de ambas.

Na análise do verbo Chegar, surge, com um índice significativo, o traço semântico relacionado à Configuração no Espaço presente, apenas, nas abordagens concernentes ao verbo *Ir*. Diante desta constatação, transcrevemos a construção *chegar à esquina* cujo referente locativo, dentre os quatro apresentados aos alunos, é o único considerado aberto, desprovido de entrada definida e de cobertura. Ou seja, [-fechado] com .59 e [+fechado] com .51 como a mais fácil de entender e a mais freqüente na fala dos alunos.

Dispensamos maiores comentários sobre o verbo Chegar, uma vez que a regra, inerente ao verbo *Ir* e aplicada, aqui, também àquele verbo, foi cumprida na íntegra, isto é, **a** para a noção de [-fechado] e **em** como [+fechado].

3.5.5.3 Noções de [+Permanência] e [-Permanência]

Das variantes lingüísticas aqui discorridas, Grau de Definitude e Configuração no Espaço, estas são as únicas reconhecidas pelas gramáticas

tradicionais, Comandos Paragramaticais e tratadas de forma detalhada por Pontes (1992).

Tabela 27 – Resultado final – Noções de [+permanência] e [-permanência]

	Verbo IR		
	A [-permanência]	PARA [+permanência]	PRA [+permanência]
A mais correta	.51	.54	.54

Informa a tabela que a noção de [-permanência] desempenhou papel relevante nas ocasiões em que escolheram a variante **a** como “a mais correta” com probabilidade de .51. Como exemplos, temos as construções *ir a uma manifestação*, *ir ao supermercado*, *ir ao Senac* e *ir ao campinho*.

Além disso, o fator [+permanência], com .54 também condicionou a *percepção* das preposições **para** e **pra** como “as mais corretas”. Na realidade, dentre todos os grupos de enunciados, somente o terceiro apresenta uma noção de [+permanência] representado pela construção *fui para Santo Antonio da Platina*, bem como *fui pra Santo Antonio da Platina*.

Conforme enuncia Mollica (1989), quando se refere ao uso, os falantes se apresentam sensíveis às regras em tela, considerando a “chance” de ocorrência do contrário. Da mesma forma, é cabível a inferência de que a *percepção* do aluno, a qual foi medida por uma eleição lingüística, também pode ter sofrido a ação das mesmas noções ao escolherem as formas “mais corretas”. Assim como fizemos com as variáveis lingüísticas, segue uma síntese dos fatores lingüísticos relevantes à *percepção* dos estudantes.

Quanto ao verbo ir, ao ser votada como “a mais correta”, a forma **a**

sofreu a influência dos traços [-fechado], [-permanência] e, atendendo a possibilidade de “chance” discutida por Mollica (1989), também o traço [+definido].

Como “a mais fácil de entender”, visualizamos as variantes **a** e **em** cujo fator relevante foi idêntico, isto é, o traço [-definido]. No que condiz à “mais freqüente na fala dos outros”, o programa informou que, para a votação tanto do **a** quanto do **em**, o fator [-definido] mostrou-se relevante. Este mesmo elemento determinou a percepção da forma **a** como “a mais freqüente na fala dos alunos”. Por um lado, ficou confirmada a hipótese, isto é, a “chance” de as preposições que regem o verbo Ir ocorrerem, seja com a presença de um ou de outro tipo de referente locativo.

No que concerne ao verbo Chegar, apesar de não haver, ainda, estudos sistemáticos a este respeito, os dados estatísticos revelaram que, nas situações em que a variante **a** foi eleita como “a mais fácil de entender”, há probabilidade de que tenha sido devido à influência do traço [-fechado]. Em oposição, a preposição **em**, ao ser concebida como “a mais fácil de entender” e “mais freqüente na fala dos outros”, o traço [+fechado] pode ter atuado como condicionante.

Uma vez efetuada a análise das variáveis que atuaram como determinantes para a votação dos alunos nas variantes **a**, **em**, **para** e **pra** quanto ao fenômeno de regência dos verbos Ir e Chegar, informamos, na próxima seção, o panorama geral verificado pelo Programa utilizado em relação às mesmas.

3.6 Índice de Relevância das variáveis

Advertimos que, a partir do momento que tratamos um fenômeno de variação lingüística sob uma perspectiva não tradicional, devemos nos pautar na utilização de dados quantitativamente reais. Sob este princípio, descreveremos os percentuais representativos dos números de vezes em que as variáveis lingüísticas e não lingüísticas foram indicadas.

Nas variáveis lingüísticas relacionadas aos traços semânticos, em se tratando do verbo Ir, os números indicaram 40% para o Grau de Definitude, 30% para a Configuração no Espaço e valor idêntico para as noções de [-permanência] e [+permanência]. Para o verbo Chegar, 100% para Configuração no Espaço.

Sobre a influência das variáveis não-lingüísticas, o percentual indicou a variável Escolaridade com o percentual de 64 % para verbo Ir, 14 % em relação à Faixa Etária; 14% no tocante ao Período e 8%, no que se refere ao Sexo. Quanto ao verbo Chegar, 100% para Escolaridade.

A julgar pelo impacto da variável não-lingüística Escolaridade sobre as demais, torna-se preponderante examinarmos a ótica de Votre (1994) sobre o tema em discussão. Um dos aspectos teóricos de sua pesquisa com o qual comungamos refere-se ao fato de que, na maioria dos contextos de ensino aprendizagem, o trabalho pedagógico com o verbo Ir é de cunho prescritivo e descritivo. Da mesma maneira, concordamos que muitas formas, mesmo não sendo abordadas pela tradição gramatical, são componentes da gramática internalizada do falante como consequência das pressões e regularidades de uso.

No entanto, fazemos um parênteses quanto a sua assertiva de que, em relação a esse fenômeno, o efeito da Escolarização seja pouco pronunciado e

que não cabe à escola o que não lhe é específico. Nessa perspectiva, retomamos o Currículo Básico Para a Escola Pública do Paraná (1990) e os PCNs (1998) em que a regência verbal, embora sob o enfoque do domínio da norma padrão, é indicado como conteúdo a ser analisado em sala de aula.

Por fim, vale mencionar que algumas gramáticas, apesar de ainda manterem a postura tradicional, já apontam alguns pontos que podem ser refletidos pelos professores e alunos durante a transposição didática dos conteúdos.

Almeida (1988) desenvolve com o leitor um diálogo ímpar, ressaltando a peculiaridade do sentido das preposições de acordo com o contexto. Ao contrário do que se espera de um gramático, Sacconi (1998) sugere que o falante opte pela forma que julgar mais conveniente e Terra (2002) denota uma atenção especial ao fenômeno, acrescentando uma sessão intitulada “Gramática do dia a dia”, cuja meta é tratar a questão de forma mais natural.

Tendo em vista o papel da variável Escolaridade para a elucidação dos contornos que subjazem o fenômeno de variação em foco, julgamos oportuno o deslindar de algumas implicações pedagógicas, a fim de propiciar uma reflexão crítica acerca dos obstáculos, bem como das possibilidades de superação dos mesmos, visando o despertar de um cenário pedagógico promissor quanto ao ensino da língua padrão.

4 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Sobre a importância de se entender o uso das preposições no português brasileiro em vista das variáveis lingüísticas e não lingüística investigadas, devemos ponderar que o conhecimento do professor sobre a *percepção* do falante em relação às mesmas é primordial no desencadear de novas propostas de ensino. Todavia, sabemos que a escassa teoria apreendida pelo professor em relação à amplitude significativa dos traços semânticos Grau de Definitude e Configuração no Espaço, assim como dos fatores extralingüísticos, dificulta, na maioria das vezes, tanto o trabalho do próprio docente quanto o entendimento do aluno no que concerne às regras categóricas da gramática normativa. Infelizmente, a realidade educacional na qual estamos inseridos comprova que o nosso cabedal teórico-metodológico de educador no que tange à variedade não-padrão de nossos interlocutores é apenas intuitivo, oriundo do senso comum. Ou seja, agimos como leigos, avaliamos a competência lingüística dos discentes sem o apoio e referenciais teóricos necessários, privando-os de uma reflexão sobre a língua em uso.

Considerando a dimensão e complexidade destas variáveis, julgamos de fundamental importância levantar alguns questionamentos sobre as nuances que envolvem o ensino da Língua Portuguesa, de forma especial, os pontos que se referem ao realizado pelo professor no que diz respeito à gramática e às questões que permeiam a variação lingüística. Nesse sentido, abordamos algumas sugestões que visam à transformação do panorama em tela. Neves (1990) referencia que devemos, antes de qualquer coisa, refletir sobre o *para quê* do ensino de gramática, o *quê* ensinar e *como* ensinar, com vistas a contribuir para o desenvolvimento da competência lingüística dos alunos.

As sugestões dos PCNs (1889) e de Castilho (1998) enfatizam o caráter sócio-interacionista da linguagem verbal, o qual reforça a opção metodológica que investiga o saber lingüístico do aluno como ponto de partida para a decisão daquilo que será desenvolvido, tendo como base o valor da linguagem nas diferentes esferas sociais expresso em textos escritos e orais de interesse prático.

Bagno (2001) propõe que esse ensino seja baseado em dados colhidos por meio de pesquisas orientadas pelo professor, para que os alunos aprendam com exemplos da língua cotidiana e não com construções extraídas de obras literárias. Sugere, ainda, o desenvolvimento da prática da leitura e da escrita, da releitura e da reescrita, da re-leitura e da re-escrita, sem a necessidade de decorar nomenclaturas.

Defendendo uma nova tendência, Marcuschi (2001) sugere um ensino de língua sob o modelo da retextualização que, a primeira vista, parece tratar-se de um processo mecânico de transformação de um texto falado para o escrito e vice-versa. Mas, ao contrário, envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido, evidenciando uma série de aspectos relativos à relação escrita-oralidade, os quais, na maioria das vezes, são desconhecidos.

Travaglia (2000) aponta uma intensificação de um trabalho de reflexão haja vista a necessidade de o aluno desenvolver a sua competência comunicativa tornando-se um bom compreendedor de textos. Assim, não lhe será difícil aprender a teoria gramatical que a instituição escolar tem como tarefa fazer conhecida.

Enfim, sob os pressupostos da Lingüística aplicada, tendo como foco a pesquisa de intervenção, de caráter processual e etnográfico, Moita Lopes (1996)

orienta o professor de sala de aula a assumir, também, o papel de pesquisador e não apenas de cliente/consumidor de saberes produzidos fora da escola.

Como vimos, as abordagens teóricas até aqui percorridas refletem um desafio evidentemente complexo diante das dificuldades pelas quais desfila o segmento educacional em se tratando da formação do professor de Língua Portuguesa.

Enfocando Geraldi (1993), sentimos a urgência em nos situar sobre qual concepção de linguagem estamos pautando nossa prática pedagógica. Será a linguagem *expressão do pensamento*, *instrumento de comunicação* ou *forma de interação*? Há, entre os profissionais desta área, um discurso mais ou menos desconexo afirmando a predominância da terceira.

Na verdade, cultuamos uma ação pedagógica permeada por atividades de metalinguagem sobre a variedade culta através de exercícios contínuos de descrição gramatical, estudo de regras e hipóteses de análise de problemas que mesmo especialistas não estão seguros quanto à resolução.

O situar-se no interior da terceira concepção, ainda não apropriada por nós, implica uma postura educacional diferenciada, já que apresenta como fulcro o trabalho da linguagem como lugar de constituição das relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos. Nessa perspectiva, o pesquisador engloba a construção não só de uma nova metodologia, mas principalmente um novo conteúdo de ensino.

Sobre estas polêmicas, Castilho (1998) aponta a existência de três crises de ensino, ou seja, a *social*, a *crise do magistério* e a *crise científica* sendo esta caracterizada pelo embate instaurado nos estudos lingüísticos, isto é, da Lingüística do Enunciado, imanente, abstrata, em que a linguagem é vista como

atividade mental ou estrutural à Lingüística da Enunciação, tendência que abarca as várias correntes lingüísticas que privilegiam a linguagem em situação de uso.

Para Perfeito (no prelo a), nos dias atuais, a crise científica ocorre não apenas pela mudança de paradigmas nos estudos da linguagem, mas, também, devido à defasagem de sua incorporação nos cursos de Licenciatura em Letras. O ideal seria a apropriação de conhecimentos científicos em sua relação com a prática docente em situações de ensino-aprendizagem significativamente relacionadas. Em geral, conforme argumenta a pesquisadora, disso decorre o despreparo dos professores, mesmo os recentemente licenciados, diante à variação lingüística dos alunos, às abordagens dos comandos paragramaticais, livro didático, vestibular e às propostas curriculares estaduais e nacionais, cuja essência perpassa a heterogeneidade do sujeito e da linguagem, em se tratando dos estudos lingüísticos e literários.

Ao contrário dos PCNs do Ensino Fundamental –3º e 4º ciclos, o documento relativo ao Ensino Médio apresenta-se, segundo Perfeito (no prelo b), em termos de *competências e habilidades*, desprovido de um tratamento mais específico quanto às inovações teórico-práticas, desde a apresentação da proposta até a definição dos *conteúdos e objetivos*, não obstante a importância que lhe é atribuída como corolário das ações educativas.

Na prática rumo à reformulação dos cursos de Letras, Fiorin (2001, *apud* Perfeito: no prelo) sugere uma graduação formativa, lugar de reflexão sobre os fatos lingüísticos e literários com o intuito objetivo de detectá-los, descrevendo os contextos de sua ocorrência, objetivando a formulação de hipóteses rumo ao desenvolvimento de uma investigação sistemática dos meios, cuja meta é a resolução do problema enunciado.

Sob a responsabilidade de Miranda (2001) está a proposta de flexibilização quanto à rigidez da grade escolar a fim de proporcionar ao aluno o *per-curso*, imprimindo-lhe ritmo e direção próprios, de modo a compatibilizar sua formação universitária com suas potencialidades de sujeito e cidadão. Nesse sentido, aponta 4 módulos para discussões os quais compreendem *um desenho curricular constando Módulo Comum de Educação; um Módulo de Prática Docente; um Módulo de Formação Científica e um Módulo de Formação Complementar.*

Em instância maior, Perrenoud (1999) suscita que a escola deva perpassar uma prática reflexiva e participação crítica nas quais cabe ao docente inserir-se no problema, inscrevendo-se no tempo de trabalho, como uma rotina, apoiando-se em momentos organizados de profissionalização interativa através de conversas informais, práticas de *feedback*, de análise de trabalho, de reflexão sobre sua qualidade, de avaliação do que faz. Segundo o autor, ao incorporar a atitude reflexiva em sua identidade profissional de professor, o docente é convidado a construir suas próprias iniciativas, em função dos alunos, do campo, do meio ambiente, das possíveis parcerias, enfim, dos obstáculos encontrados ou previsíveis.

Sabemos, contudo, que, para a efetivação dessa proposta, torna-se essencial a existência de formadores reflexivos e críticos que atuem na formação dos docentes. Não obstante, é fato o predomínio de inúmeros fatores que interferem no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Brasil, entre os quais se situa a inadequação dos programas de formação de professores desenvolvidos em algumas universidades.

De acordo com Perrenoud (0^o cit), em geral, tais instituições dedicam-se a uma preparação metodológica mais localizada no eixo do tratamento dos dados do que sobre a negociação com o campo e a regulação de atividades e

de trabalho. Como ideal, indica a incorporação da prática reflexiva ao contexto de atuação do professor, tornando-se o motor da articulação teoria-prática.

Conseqüentemente, a postura em foco repercutirá na organização e natureza dos estágios; nas relações e na parceria com os professores em exercício; nos sentidos e modalidades da alternância entre estágios e formação mais teórica e no próprio papel de formador em campo, definido de início como um profissional reflexivo disposto a associar um estudante estagiário ao seu próprio questionamento.

Ainda que distanciada do ideal preconizado pelos autores aqui pesquisados, esta pesquisa tornou possível detectar, nas diferentes etapas de seu percurso, que a sistematização da *percepção* lingüística de alunos do Ensino Médio trouxe, em seu bojo, resultados positivos e, conforme discutimos anteriormente, inesperados.

Ao participarem da eleição proposta, votando nas variantes **a**, **para em** e **pra** que atuam na regência dos verbos Ir e Chegar como “a mais correta”, “a mais fácil de entender”, “a mais freqüente na fala dos outros” e “a mais freqüente em sua fala”, certificamo-nos do quanto importante é a opinião dos sujeitos para a construção de um saber voltado à realidade lingüística dos falantes.

Ao nosso ver, esta estratégia tem o condão de permitir a diminuição da assimetria estabelecida no relacionamento entre professor e aluno, à proporção que permite ao discente pronunciar sua voz e, o mais importante, ser ouvido. Nesta linha de raciocínio, podemos tentar diminuir a utilização de paradigmas imutáveis presentes nas situações de ensino-aprendizagem.

Em outras palavras, as considerações discutidas nesta dissertação coadunam-se com algumas das reais necessidades do ensino de Língua Portuguesa cujo leque de preocupações coincide, em grande parte, com os aspectos ínsitos ao estreitamento das relações entre a contemplação dos conteúdos gramaticais imbricados aos fenômenos de variação lingüística em toda a sua dimensão.

5 CONCLUSÃO

No início desta pesquisa, apontamos como objetivo investigar se os fatores lingüísticos que interferem no uso de uma ou outra variante podem, também, ser relevantes para a *percepção* dos alunos de Ensino Médio no que se refere às formas **a**, **em**, **para** e **pra** como “a mais correta”, “a mais fácil de entender”, “a mais freqüente na fala dos outros” e “a mais freqüente na fala dos alunos”.

Certamente, para que se possa entender o uso das preposições bem como a atitude do falante, ou seja, sua *percepção* frente a elas, faz-se urgente retomar a palavra “chance” utilizada por Mollica (1989). Entendemos que, assim como as preposições **a**, **para** e **em** possuem maior possibilidade de ocorrer em um determinado contexto, podem, ainda, mesmo que, de forma menos acentuada, ser encontradas nos demais.

Na realidade, foi o que explicitamos sistematicamente. Ou seja, alguns traços semânticos que sempre foram julgados como pouco relevantes para a ocorrência de uma determinada variante, por exemplo os traços [+fechado] e [+definido] para as preposições **em** e vice-versa, mostraram-se, também, como condicionantes à votação dos sujeitos.

O verbo Chegar que, por possuir apenas duas possibilidades de regência, parece ser muito mais simples que o verbo Ir, apresenta características bastante peculiares quando submetidos aos mesmos critérios de análise.

De fato, os resultados sobre a investigação realizada com as variáveis semânticas desencadearam uma questão pouco comum entre os estudos semânticos. Quando analisamos os dois últimos grupos de enunciados condizentes ao verbo Chegar, o traço [-fechado] considerado, somente, com verbo o Ir e as noções de [+permanência] e [-permanência], suscitadas por nós, se mostraram

atuantes. Naturalmente, estas hipóteses requerem um estudo mais sistemático. Todavia, a possibilidade para isto já está sendo apontada.

À medida que analisávamos os resultados obtidos, constatamos que as idéias de [+permanência] e [-permanência], defendidas pela gramática tradicional, tiveram relevância, tal como no uso, para o detectar da *percepção* das variantes em relação ao Verbo Ir. Mesmo parecendo óbvio, acrescentamos que estes princípios não são enfocados na exposição teórica do conteúdo em análise, no contexto de sala de aula.

No desvendar dos resultados, refletimos que uma das vias para tornar o ensino de Língua Portuguesa menos mecanicista consiste na atenção dirigida às variáveis não lingüísticas Sexo, Período, Faixa Etária, em especial a Escolaridade. Em face da relevância de 64% deste elemento como preponderante à *percepção* dos sujeitos em relação às variantes no processo de regência do verbo Ir e 100% do verbo Chegar, há que ficarmos atentos à qualidade das práticas pedagógicas em ação.

Embora haja comentários sobre o fato de o ensino no Período noturno ser menos rigoroso que o diurno, sua clientela é marcadamente trabalhadora, apresenta situação sócio- econômica menos privilegiada, encontrando-se, desta forma, mais sujeita às pressões sociais impostas pelo mercado de trabalho. Disto pode decorrer a preferência pela forma padrão **a** como a mais fácil de entender.

Isto posto, é possível inferir que o mais normal seria que os alunos atribuíssem prestígio às variantes com as quais convivem em seu meio familiar como em e pra. No entanto, observamos, em algumas situações, através da eleição lingüística proposta, a negação das mesmas em detrimento das mais prestigiadas.

Sobre esta situação, Labov (1966) sustenta que, uma vez identificada a norma de prestígio, o grupo social intermediário monitora sua fala nessa direção e ultrapassa a tendência observada em grupos mais elevados da hierarquia social nos estilos mais formais.

Apesar de concordarmos com a concepção de Labov (1968) que o falante tende a negar a forma lingüística presente em sua fala, ressaltando a de prestígio, diante dos índices estatísticos gerais obtidos nesse estudo, levantamos uma hipótese quanto à existência de uma possível correlação, inclusive, entre a forma considerada “a mais fácil de entender” e “a mais freqüente na fala dos alunos”.

Neste caso, a variante **para** como “a mais freqüente na fala dos outros”, principalmente, entre os sujeitos das séries mais avançadas, nos leva a refletir que os discentes deste grupo, por conseguinte, vivenciaram mais situações em que o uso desta variante foi explicado como o mais correto. Além disso, por sentirem-se mais próximos de si as pressões sociais e lingüísticas, optam pelo **para**, a qual, segundo por Mollica (1989) expressa um posicionamento menos “pedante” em detrimento da variante de prestígio **a**.

Para os casos em que o Período matutino mostrou-se determinante para a *percepção* dos alunos em relação à variante **a**, é fundamental ressaltarmos que a clientela desse turno não apresenta uniformidade de classes sociais e o nível de contato com a língua padrão e o acesso aos diferentes meios de comunicação revelam-se mais intensos do que o Período Noturno.

Aliado a isso, a realização de tarefas exigidas aos sujeitos do Período diurno permite que os mesmos desenvolvam técnicas de pesquisa diferenciadas em enciclopédias, internet, visitas a bibliotecas, instrumentos que colocam em evidência a norma padrão. Ainda é possível vislumbrar, de forma

bastante subjetiva, prenúncios de preconceito lingüístico, imanente na classe social mais favorecida, em relação à variante **em**.

Os resultados aqui discutidos comungam da pesquisa de Naro (1992) sobre a relação da mudança lingüística com a Faixa Etária. Em seu estudo, os dados comprovam que a maioria dos sujeitos evita as regências **lr a** e **lr para**, preferindo **lr em**. Da mesma forma, na presente pesquisa, os alunos conceberam a variante estigmatizada como “a mais freqüente em sua própria fala”.

Estatisticamente, em primeiro lugar tivemos a forma **pra** como “a mais freqüente na fala dos outros”, enquanto os sujeitos tomaram para si a forma não prestigiada **em**. Entendemos que, quando a forma **pra** foi acrescida à hierarquia **a, em e para**, os sujeitos a reconheceram como mais estigmatizada que o **em**, contrapondo-se, desta forma, às concepções da gramática tradicional. Salientamos, entretanto, que este tipo de posicionamento enseja uma análise mais aprofundada.

Sob tal pressuposto, levantamos a hipótese de que esta votação expressiva pela forma **pra** como “a mais freqüente na fala dos outros” esteja prenunciando o início de uma ampliação à hierarquia variável vigente em relação à regência do verbo **lr**, marcada pela regência das preposições **a, para, em** proposta por Mollica (1989).

Assim, retomamos Tarallo (1985), ao afirmar que muitas variáveis, neste caso o **em** e, principalmente, o **pra** encontram-se em ascensão, isto é, estão se integrando ao sistema lingüístico e social da comunidade, refletindo muitas das nuances de seu vernáculo, assim como suas percepções, o que não implica, necessariamente, em uma mudança lingüística, mas pressupõe evidência de estado de variação anterior, sem que seja necessária a extinção das variantes **para e a**.

De tudo o que foi informado e discutido, pomos em relevo a

conclusão final de que tanto os fatores lingüísticos quanto extra lingüísticos podem ter atuado como condicionantes no processo de *percepção* dos sujeitos, ao serem expostos à eleição das variantes **a**, **em**, **para** e **pra** como “a mais correta”, “a mais fácil de entender”, “a mais freqüente na fala dos outros” e a “mais freqüente em sua fala”.

No entanto, cabe a ressalva de que o indivíduo é heterogêneo, ocupa lugares sociais diferentes, fato que atua na condução do sujeito a expressar suas opiniões de formas diversas como, por exemplo, modificar opiniões visando à provocação de questionamentos. Enfim, interagir conforme as imposições estabelecidas pelo contexto.

Por conta das conclusões discorridas, não faz sentido os professores de Língua Portuguesa continuarem cúmplices das bases teóricas que regem a gramática normativa, sustentando o uso das preposições **a** e **para**, enquanto negligenciam a presença da variante **em**. Aliado a este contexto arraigado de preconceito, mencionamos o desconhecimento quanto à relevância dos traços semânticos e das variáveis não lingüísticas.

Neste momento da discussão, portanto, faz-se primordial reiterarmos que a mudança de postura dos professores não depende, exclusivamente, da vontade do educador. Conforme referenciam Perrenoud (1999) e Perfeito (no prelo) esta problemática encontra-se envolta em patamares mais complexos como, por exemplo, a precariedade de fundamentos de ordem teórico-crítica, essenciais à formação do professor.

Ao findarmos este estudo, reforçamos a concepção defendida por vários pesquisadores, pelos documentos oficiais e, neste momento, absorvida por

nós, de que o ensino dos conteúdos que compõem a gramática normativa carece de uma revisão metodológica.

À medida que se confirmam as hipóteses delimitadas no início desta dissertação, tornam-se mais verdadeiras as abordagens que orientam os professores a darem atenção privilegiada ao processo de construção do conhecimento dos sujeitos numa perspectiva dialógica da linguagem, em que a *percepção* do educando pode ser tomada como elemento seminal na consolidação de uma proposta de ensino da gramática integrada à variação lingüística.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Bernadete. *Português*. São Paulo: Moderna, 1997, 2001.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 35ª ed. São Paulo: Saraiva, 1973.

BAGNO, Marcos. *Dramática da língua portuguesa, tradição gramatical, mídia & exclusão social*. 2ª ed. edições Loyola, São Paulo, 2000.

_____, Marcos. *Português ou Brasileiro? um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

_____, Maria de Lourdes. *Pra que cantar, cantar pra que? A síncope na preposição para em enunciados musicais escritos*. Monografia apresentada ao curso de Especialização em Língua Portuguesa. UEL, 2001.

BARBALHO, Maria de Lourdes. *A gramática intuitiva dos alunos em relação à regência dos verbos “ir” e “chegar” com sentido de direção*. Selisigno, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação do Ensino Médio. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTILHO, Ataliba T. *A língua falada no ensino do português*. São Paulo, Contexto, 1998.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática de Língua Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1972.

CUNHA, Celso Ferreira da; Cintra, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LABOV, W. *The social motivation of a sound change*. Word 19: 273-309. 1963.

_____, W. *The social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C: Cen ter for Applied Linguistics, 1966.

_____, W. *The Reflection of Social Processes In; Linguistic Structures*. In: FISHMAN, Joshua. Readings in the Sociology of language, 1968.

_____, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____, W. *La transmission des changements linguistiques*. In: GADET, Françoise (org). Hétérogénéité et variation: LABOV, UN BILAN. *Languages*, 108: 16-31, 1992.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfossintática do português: aplicação do estruturalismo lingüístico*. São Paulo: Pioneira, 1978.

MARCUSCHI, Luis Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MENDONÇA, M. L. *Língua e ensino: políticas de fechamento*. In: Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras. Mussalim, F. e Bentes. A . C. (orgs). v. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

MIRANDA, N. S. Uma proposta curricular para a formação de professores de português. In: Boletim da Abralín. v. 25. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2001.

MOITA LOPES, Luis Paulo da. *Oficina de lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

MOLLICA, M.C. *A regência variável do verbo Ir de movimento*. In: TARALLO, Fotografias sociolingüísticas. Campinas, Pontes/UNICAMP, 1989.

_____, M.C. (org). *Introdução à sociolingüística variacionista*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

MONTEIRO, José lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

NARO, A . J. *Modelos Quantitativos e tratamento estilístico*, In: MOLLICA, M. C. (org) *Introdução à Sociolingüística variacionista*. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

_____, Maria H. de Moura. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

NICOLA, José de. *Gramática Essencial*. São Paulo: Scipione, 1997.

PARANÁ, Secretaria de Estado de Ensino Fundamental. *Currículo Básico do Paraná*. Curitiba: SEED/PEPG, 1990.

PEDRÃO, Carmem. *O que se esconde por trás do uso das preposições a e em*. Dissertação de Mestrado, UEL, 2002.

PERFEITO, Alba Maria. *Formação dos professores de Língua Portuguesa: crise científica?* In: Revista Signum: estudos da linguagem. Londrina: LET/CLCH, ED. UEL (no prelo a).

_____. Alba Maria. Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Brasil: Breve abordagem histórica e reflexiva sobre programas e formação de professores. (no prelo b).

PERRENOUD, Philippe. *Formar professores em contextos de mudança, prática reflexiva e participação crítica*. Tradução de Denise Bárbara Catani. Trabalho apresentado na XXII Reunião da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999.

PONTES, Eunice. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.

POSSENTI, Sírio. *Porque (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ROCHA LIMA, C. H. [s/d]: *Sobre o sincretismo de a e em no exprimir direção*. In: Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho). Rio de Janeiro, Simões.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática: teoria*. 11^a ed. São Paulo: Atual, 1998.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de Português*. 6^a ed. Rio de Janeiro: Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa. 1960.

TARALLO. F. *A pesquisa sociolinguística*. 5^a . ed. São Paulo: Ática, 1985.

_____. *Fotografias Sócio Lingüísticas*. Campinas, Pontes/UNICAMP: 1989.

TERRA, Ernani; NICOLA, José de. *Gramática, literatura e redação para o 2o grau*. São Paulo: Scipione, 1997.

TERRA, Ernani. *Uma nova gramática para o português*. São Paulo: Scipione, 2002.

THOMAS, E.W. *The syntax of Spoken Brazilian Portuguese*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1960.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1 e 2 graus*. São Paulo: Cortez, 2000.

VOTRE, Sebastião. *Escolaridade*. In MOLLICA, M. C. (org) Introdução à Sociolinguística variacionista. 2 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

ANEXOS

ANEXO 1 – Lista de Enunciados para a Votação

Grupo 1

- (A) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir a uma manifestação contra aumento de tarifa urbana.
- (B) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir para uma manifestação contra aumento de tarifa urbana.
- (C) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir pra uma manifestação contra aumento de tarifa urbana.
- (D) Estudante é atropelado por um ônibus ao ir na manifestação contra aumento de tarifa urbana.

Grupo 2

- (A) Mulheres, antes de ir ao supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é uma forma de economia.
- (B) Mulheres, antes de ir no supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é uma forma de economia.
- (C) Mulheres, antes de ir para o supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é uma forma de economia.
- (D) Mulheres, antes de ir pro supermercado fazer suas compras, fazem pesquisas em vários outros estabelecimentos. Isto é *uma* forma de economia.

Grupo 3

- (A) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir pro Senac. Normalmente, depois do handebol, venho pro colégio. Nas férias fui pra Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.
- (B) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir para o Senac. Normalmente, depois do handebol, venho para o colégio. Nas férias fui para Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.
- (C) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir ao Senac. Normalmente, depois do handebol, venho ao colégio. Nas férias fui a Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.
- (D) Eu pego o ônibus seis e meia pra ir no Senac. Normalmente, depois do handebol, venho no colégio. Nas férias fui em Santo Antonio da Platina jogar, ficamos em terceiro lugar.

Grupo 4

- (A) Quase todos os dias, depois do almoço, vou para o campinho e só volto para ver Malhação.
- (B) Quase todos os dias, depois do almoço, vou no campinho e só volto para ver Malhação.
- (C) Quase todos os dias, depois do almoço, vou ao campinho e só volto para ver a Malhação.
- (D) Quase todos os dias, depois do almoço, vou pro campinho e só volto para ver a Malhação.

Grupo 5

(A) Se ninguém pede para trabalhar até tarde, cheço a casa, descanso um pouquinho, é assim, minha rotina não muda muito.

(B) Se ninguém pede pra trabalhar até tarde, cheço na minha casa, descanso um pouquinho, é assim, minha rotina não muda muito.

Grupo 6

(A) Em 15 minutos a polícia chegou no estabelecimento. (construção original- norma não padrão - "A hora da verdade" - 01/08)

(B) Em 15 minutos a polícia chegou ao estabelecimento.

Grupo 7

(A) Engraçado, mulher feia não tem coragem de chegar à esquina e tirar toda a roupa. Agora só porque ela é bonita e gostosa, tem que chegar à esquina e tirar toda a roupa para os homens ver.

(B) Engraçado, mulher feia não tem coragem de chegar na esquina e tirar toda a roupa. Agora só porque ela é bonita e gostosa, tem que chegar na esquina e tirar toda a roupa para os homens ver.

Grupo 8

(A) Quando o corpo do jornalista Roberto Marinho chegou ao cemitério São João Batista, já havia uma multidão a espera. (construção original programa Jornal da Record).

(b) Quando o corpo do jornalista Roberto Marinho chegou no cemitério São João Batista, já havia urna multidão a espera.

ANEXO 3 – Tabela discriminada das Variáveis Lingüísticas: Escolaridade, Período, Sexo, Faixa Etária

MATUTINO

Enunciado 1

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	42%	36%	0%	0%	25%	50%	31%	39%	25%	0%	42%	33%
ir para	25%	52%	0%	0%	41%	17%	39%	43%	50%	0%	23%	67%
ir pra	19%	0%	0%	0%	14%	17%	11%	13%	0%	0%	16%	0%
ir na	13%	12%	0%	0%	20%	17%	19%	4%	25%	0%	19%	0%
A Mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	18%	20%	0%	0%	9%	67%	29%	22%	0%	0%	23%	33%
ir para	36%	30%	0%	0%	58%	17%	33%	48%	75%	0%	45%	67%
ir pra	19%	30%	0%	0%	13%	17%	24%	26%	25%	0%	19%	0%
ir na	27%	20%	0%	0%	20%	0%	13%	4%	0%	0%	13%	0%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	7%	16%	0%	0%	9%	0%	14%	22%	0%	0%	10%	0%
ir para	25%	28%	0%	0%	14%	0%	18%	17%	75%	0%	6%	0%
ir pra	60%	36%	0%	0%	67%	67%	56%	43%	0%	0%	71%	67%
ir na	8%	20%	0%	0%	10%	33%	12%	17%	25%	0%	13%	33%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	18%	25%	0%	0%	10%	17%	20%	9%	75%	0%	16%	67%
ir para	22%	30%	0%	0%	42%	50%	20%	30%	25%	0%	42%	0%
ir pra	35%	30%	0%	0%	32%	0%	41%	48%	0%	0%	23%	33%
ir na	25%	15%	0%	0%	16%	33%	19%	13%	0%	0%	19%	0%

Enunciado 2

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	28%	28%	0%	0%	42%	17%	33%	26%	25%	0%	52%	33%
ir para	32%	48%	0%	0%	38%	33%	32%	57%	25%	0%	10%	33%
ir pra	28%	16%	0%	0%	15%	17%	23%	13%	50%	0%	32%	0%
ir na	12%	8%	0%	0%	4%	33%	11%	4%	0%	0%	6%	33%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	23%	20%	0%	0%	25%	33%	14%	61%	25%	0%	35%	33%
ir para	27%	30%	0%	0%	39%	50%	43%	26%	75%	0%	35%	67%
ir pra	32%	40%	0%	0%	28%	17%	29%	9%	0%	0%	13%	0%
ir na	18%	10%	0%	0%	9%	0%	13%	4%	0%	0%	16%	0%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	16%	8%	0%	0%	1%	33%	13%	9%	0%	0%	26%	0%
ir para	41%	32%	0%	0%	26%	33%	43%	26%	75%	0%	19%	67%
ir pra	15%	28%	0%	0%	6%	33%	17%	17%	25%	0%	6%	33%
ir na	28%	32%	0%	0%	67%	0%	27%	48%	0%	0%	48%	0%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	14%	25%	0%	0%	25%	0%	11%	13%	100%	0%	35%	33%
ir para	53%	25%	0%	0%	51%	83%	61%	48%	0%	0%	16%	67%
ir pra	22%	10%	0%	0%	23%	0%	9%	22%	0%	0%	26%	0%
ir na	11%	40%	0%	0%	1%	17%	19%	17%	0%	0%	23%	0%

Enunciado 3

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	25%	36%	0%	0%	22%	83%	16%	17%	75%	0%	13%	0%
ir para	29%	12%	0%	0%	41%	17%	38%	26%	0%	0%	23%	100%
ir pra	32%	40%	0%	0%	16%	0%	34%	22%	25%	0%	55%	0%
ir na	15%	12%	0%	0%	22%	0%	12%	35%	0%	0%	10%	0%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	18%	25%	0%	0%	14%	0%	32%	22%	0%	0%	16%	33%
ir para	29%	50%	0%	0%	57%	33%	24%	30%	75%	0%	26%	67%
ir pra	24%	10%	0%	0%	9%	67%	21%	13%	25%	0%	39%	0%
ir na	29%	15%	0%	0%	20%	0%	22%	35%	0%	0%	19%	0%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	42%	28%	0%	0%	6%	33%	46%	35%	25%	0%	48%	67%
ir para	22%	16%	0%	0%	13%	17%	17%	22%	0%	0%	13%	33%
ir pra	5%	28%	0%	0%	72%	0%	10%	22%	0%	0%	13%	0%
Ir na	31%	28%	0%	0%	9%	50%	28%	22%	75%	0%	26%	0%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	27%	30%	0%	0%	23%	17%	33%	22%	75%	0%	32%	33%
ir para	24%	30%	0%	0%	57%	17%	23%	17%	25%	0%	26%	67%
ir pra	18%	15%	0%	0%	19%	50%	10%	26%	0%	0%	23%	0%
ir na	32%	25%	0%	0%	1%	17%	33%	35%	0%	0%	19%	0%

Enunciado 4

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	26%	32%	0%	0%	13%	17%	31%	30%	25%	0%	32%	100%
ir para	36%	20%	0%	0%	33%	67%	26%	13%	0%	0%	19%	0%
ir pra	22%	28%	0%	0%	41%	17%	29%	17%	0%	0%	26%	0%
ir na	16%	20%	0%	0%	13%	0%	14%	39%	75%	0%	23%	0%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	23%	20%	0%	0%	23%	33%	26%	26%	50%	0%	29%	0%
ir para	38%	40%	0%	0%	45%	0%	36%	43%	25%	0%	39%	67%
ir pra	25%	25%	0%	0%	26%	50%	16%	22%	25%	0%	13%	33%
ir na	14%	15%	0%	0%	6%	17%	23%	9%	0%	0%	19%	0%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	12%	20%	0%	0%	3%	17%	10%	35%	0%	0%	19%	40%
ir para	39%	32%	0%	0%	48%	50%	37%	35%	0%	0%	26%	35%
ir pra	8%	4%	0%	0%	0%	17%	10%	9%	0%	0%	6%	10%
ir na	41%	44%	0%	0%	49%	17%	43%	22%	100%	0%	48%	15%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	23%	40%	0%	0%	17%	50%	16%	9%	50%	0%	23%	33%
ir para	44%	35%	0%	0%	29%	17%	60%	39%	0%	0%	26%	67%
ir pra	11%	10%	0%	0%	17%	17%	6%	9%	25%	0%	39%	0%
ir na	23%	15%	0%	0%	36%	17%	19%	43%	25%	0%	13%	0%

Enunciado 5

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	76%	32%	0%	0%	86%	67%	80%	83%	25%	0%	81%	80%
Chego a	24%	68%	0%	0%	14%	33%	20%	17%	75%	0%	19%	20%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	67%	60%	0%	0%	84%	33%	82%	52%	25%	0%	74%	67%
Chego a	33%	40%	0%	0%	16%	67%	18%	48%	75%	0%	26%	33%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	70%	100%	0%	0%	100%	100%	80%	91%	100%	0%	74%	33%
Chego a	30%	0%	0%	0%	0%	0%	20%	9%	0%	0%	26%	67%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	45%	90%	0%	0%	97%	50%	83%	77%	75%	0%	81%	100%
Chego a	55%	10%	0%	0%	3%	50%	17%	23%	25%	0%	19%	0%

Enunciado 6

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	54%	36%	0%	0%	62%	83%	56%	74%	25%	0%	58%	67%
Chego a	46%	64%	0%	0%	38%	17%	44%	26%	75%	0%	42%	33%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	49%	90%	0%	0%	72%	33%	63%	83%	0%	0%	84%	67%
Chego a	51%	10%	0%	0%	28%	67%	37%	17%	100%	0%	16%	33%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	82%	48%	0%	0%	100%	100%	78%	52%	25%	0%	90%	100%
Chego a	18%	52%	0%	0%	0%	0%	22%	48%	75%	0%	10%	0%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	76%	25%	0%	0%	68%	50%	76%	72%	50%	0%	68%	100%
Chego a	24%	75%	0%	0%	32%	50%	24%	28%	50%	0%	32%	0%

Enunciado 7

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	47%	88%	0%	0%	42%	50%	40%	39%	75%	0%	35%	0%
Chego a	53%	12%	0%	0%	58%	50%	60%	61%	25%	0%	65%	100%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	58%	35%	0%	0%	25%	50%	31%	48%	0%	0%	39%	33%
Chego a	42%	65%	0%	0%	75%	50%	69%	52%	100%	0%	61%	67%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	12%	72%	0%	0%	6%	17%	18%	26%	0%	0%	90%	33%
Chego a	88%	28%	0%	0%	94%	83%	82%	74%	100%	0%	10%	67%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	66%	80%	0%	0%	17%	33%	27%	35%	25%	0%	29%	33%
Chego a	34%	20%	0%	0%	83%	67%	73%	65%	75%	0%	71%	67%

Enunciado 8

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	62%	76%	0%	0%	54%	50%	66%	52%	100%	0%	65%	67%
Chego a	38%	24%	0%	0%	46%	50%	34%	48%	0%	0%	35%	33%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	44%	25%	0%	0%	42%	17%	33%	22%	75%	0%	42%	67%
Chego a	56%	75%	0%	0%	58%	83%	67%	78%	25%	0%	58%	33%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	14%	80%	0%	0%	16%	50%	17%	39%	25%	0%	19%	67%
Chego a	86%	20%	0%	0%	84%	50%	83%	61%	75%	0%	81%	33%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	33%	50%	0%	0%	33%	67%	30%	17%	25%	0%	16%	67%
Chego a	67%	50%	0%	0%	67%	33%	70%	83%	75%	0%	84%	33%

NOTURNO

Enunciado 1

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	28%	38%	14%	0%	64%	30%	29%	41%	67%	0%	19%	40%
ir para	11%	31%	43%	0%	21%	33%	36%	41%	0%	0%	29%	44%
ir pra	17%	15%	14%	0%	11%	15%	21%	18%	0%	0%	32%	16%
ir na	44%	15%	29%	0%	4%	22%	14%	0%	33%	0%	19%	0%
A Mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	28%	35%	0%	0%	42%	15%	29%	23%	0%	0%	42%	40%
ir para	22%	42%	43%	0%	13%	33%	43%	45%	0%	0%	35%	48%
ir pra	11%	12%	14%	0%	15%	37%	21%	9%	67%	0%	16%	12%
ir na	39%	12%	43%	0%	30%	15%	7%	23%	33%	0%	6%	0%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	11%	12%	0%	0%	8%	15%	21%	18%	33%	0%	19%	20%
ir para	33%	15%	0%	0%	17%	7%	14%	27%	0%	0%	10%	24%
ir pra	39%	46%	14%	0%	53%	74%	50%	18%	67%	0%	52%	48%
ir na	17%	27%	86%	0%	23%	4%	14%	36%	0%	0%	19%	8%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	28%	8%	14%	0%	26%	19%	21%	23%	0%	0%	26%	20%
ir para	6%	65%	29%	0%	28%	52%	32%	50%	0%	0%	19%	16%
ir pra	50%	12%	14%	0%	17%	22%	29%	18%	0%	0%	29%	44%
ir na	17%	15%	43%	0%	28%	7%	18%	9%	100%	0%	26%	20%

Enunciado 2

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	44%	42%	0%	0%	51%	41%	29%	45%	67%	0%	39%	32%
ir para	17%	35%	57%	0%	21%	48%	25%	23%	33%	0%	29%	32%
ir pra	28%	19%	14%	0%	23%	4%	29%	18%	0%	0%	19%	32%
ir na	11%	4%	29%	0%	6%	7%	18%	14%	0%	0%	13%	4%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	33%	27%	14%	0%	19%	30%	21%	23%	67%	0%	29%	20%
ir para	50%	19%	86%	0%	42%	19%	25%	41%	33%	0%	29%	24%
ir pra	0%	27%	0%	0%	28%	48%	32%	23%	0%	0%	26%	48%
ir na	17%	27%	0%	0%	11%	4%	21%	14%	0%	0%	16%	8%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	17%	35%	29%	0%	9%	11%	21%	14%	33%	0%	23%	12%
ir para	39%	35%	57%	0%	40%	19%	25%	23%	67%	0%	42%	20%
ir pra	28%	4%	14%	0%	8%	15%	18%	14%	0%	0%	16%	12%
ir na	17%	27%	0%	0%	43%	56%	36%	50%	0%	0%	19%	56%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	11%	19%	14%	0%	42%	33%	25%	14%	33%	0%	21%	45%
ir para	39%	46%	71%	0%	19%	22%	25%	55%	33%	0%	36%	10%
ir pra	17%	4%	14%	0%	28%	37%	21%	23%	33%	0%	14%	30%
ir na	33%	31%	0%	0%	11%	7%	29%	9%	0%	0%	29%	15%

Enunciado 3

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	22%	35%	0%	0%	30%	7%	25%	18%	67%	0%	48%	28%
ir para	33%	50%	14%	0%	38%	30%	36%	23%	33%	0%	6%	8%
ir pra	11%	4%	14%	0%	9%	56%	21%	36%	0%	0%	29%	44%
ir na	33%	12%	71%	0%	23%	7%	18%	23%	0%	0%	16%	20%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	6%	15%	14%	0%	25%	11%	14%	27%	33%	0%	19%	32%
ir para	22%	15%	29%	0%	45%	19%	43%	32%	0%	0%	26%	16%
ir pra	44%	62%	43%	0%	19%	30%	25%	9%	33%	0%	35%	20%
ir na	28%	8%	14%	0%	11%	41%	18%	32%	33%	0%	19%	32%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	44%	23%	0%	0%	49%	48%	39%	33%	100%	0%	32%	64%
ir para	44%	38%	29%	0%	9%	15%	14%	25%	0%	0%	13%	8%
ir pra	6%	19%	14%	0%	17%	11%	18%	21%	0%	0%	13%	8%
Ir na	6%	19%	57%	0%	25%	26%	29%	21%	0%	0%	42%	20%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	11%	19%	14%	0%	15%	19%	21%	50%	0%	0%	26%	16%
ir para	22%	62%	57%	0%	17%	44%	32%	14%	100%	0%	26%	24%
ir pra	22%	4%	0%	0%	49%	22%	7%	5%	0%	0%	16%	32%
ir na	44%	15%	29%	0%	19%	15%	39%	32%	0%	0%	32%	28%

Enunciado 4

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	28%	38%	14%	0%	38%	26%	43%	36%	67%	0%	26%	8%
ir para	44%	27%	0%	0%	42%	30%	25%	23%	0%	0%	32%	40%
ir pra	11%	15%	43%	0%	13%	33%	18%	36%	33%	0%	32%	32%
ir na	17%	19%	43%	0%	8%	11%	14%	5%	0%	0%	10%	20%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	17%	19%	14%	0%	28%	52%	23%	23%	0%	0%	45%	16%
ir para	39%	38%	29%	0%	23%	33%	42%	41%	67%	0%	45%	24%
ir pra	28%	27%	0%	0%	34%	15%	27%	14%	0%	0%	10%	44%
ir na	17%	15%	57%	0%	15%	0%	8%	23%	33%	0%	0%	16%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	22%	12%	29%	0%	6%	7%	11%	32%	0%	0%	23%	16%
ir para	33%	38%	29%	0%	47%	19%	43%	23%	33%	0%	45%	44%
ir pra	17%	12%	29%	0%	2%	15%	4%	18%	67%	0%	3%	12%
ir na	28%	38%	14%	0%	45%	59%	43%	27%	0%	0%	29%	28%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Ir a	33%	12%	0%	0%	32%	16%	7%	32%	0%	0%	26%	12%
ir para	50%	42%	57%	0%	43%	16%	46%	36%	100%	0%	52%	40%
ir pra	6%	15%	43%	0%	6%	35%	11%	9%	0%	0%	10%	20%
ir na	11%	31%	0%	0%	19%	32%	36%	23%	0%	0%	13%	28%

Enunciado 5

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	83%	73%	86%	0%	55%	93%	79%	86%	67%	0%	65%	80%
Chego a	17%	27%	14%	0%	45%	7%	21%	14%	33%	0%	35%	20%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	89%	62%	57%	0%	74%	52%	64%	55%	100%	0%	71%	72%
Chego a	11%	38%	43%	0%	26%	48%	36%	45%	0%	0%	29%	28%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	78%	85%	29%	0%	79%	48%	79%	55%	33%	0%	94%	80%
Chego a	22%	15%	71%	0%	21%	52%	21%	45%	67%	0%	6%	20%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	83%	81%	86%	0%	83%	81%	79%	86%	100%	0%	77%	88%
Chego a	17%	19%	14%	0%	17%	19%	21%	14%	0%	0%	23%	12%

Enunciado 6

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	56%	50%	43%	0%	49%	78%	75%	32%	100%	0%	94%	44%
Chego a	44%	50%	57%	0%	51%	22%	25%	68%	0%	0%	6%	56%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	72%	73%	57%	0%	43%	85%	79%	55%	100%	0%	65%	92%
Chego a	28%	27%	43%	0%	57%	15%	21%	45%	0%	0%	35%	8%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	78%	62%	86%	0%	74%	52%	79%	36%	33%	0%	77%	84%
Chego a	22%	38%	14%	0%	26%	48%	21%	64%	67%	0%	23%	16%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	56%	58%	71%	0%	49%	59%	25%	64%	67%	0%	77%	68%
Chego a	44%	42%	29%	0%	51%	41%	75%	36%	33%	0%	23%	32%

Enunciado 7

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	61%	50%	29%	0%	60%	26%	54%	68%	0%	0%	48%	4%
Chego a	39%	50%	71%	0%	40%	74%	46%	32%	100%	0%	52%	96%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	28%	12%	13%	0%	34%	30%	46%	45%	0%	0%	23%	16%
Chego a	72%	88%	88%	0%	66%	70%	54%	55%	100%	0%	77%	84%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	17%	23%	29%	0%	43%	4%	21%	32%	0%	0%	23%	12%
Chego a	83%	77%	71%	0%	57%	96%	79%	68%	100%	0%	77%	88%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	17%	23%	14%	0%	43%	26%	39%	41%	33%	0%	23%	12%
Chego a	83%	77%	86%	0%	57%	74%	61%	59%	67%	0%	77%	88%

Enunciado 8

Mais Correta												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	78%	38%	43%	0%	53%	52%	43%	45%	33%	0%	29%	44%
Chego a	22%	62%	57%	0%	47%	48%	57%	55%	67%	0%	71%	56%
A mais fácil de entender												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	17%	38%	57%	0%	30%	59%	25%	41%	33%	0%	10%	48%
Chego a	83%	62%	43%	0%	70%	41%	75%	59%	67%	0%	90%	52%
A mais freqüente na fala dos outros												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	56%	67%	57%	0%	70%	93%	86%	68%	67%	0%	81%	84%
Chego a	44%	33%	43%	0%	30%	7%	14%	32%	33%	0%	19%	16%
A mais freqüente na sua fala												
Feminino						Masculino						
1º			3º			1º			3º			
14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	14-15	16-17	18-22	
Chego em	83%	88%	43%	0%	70%	56%	75%	73%	100%	0%	77%	64%
Chego a	17%	12%	57%	0%	30%	44%	25%	27%	0%	0%	23%	36%

ANEXO 4 – Ta bela Geral dos Fatores Não Lingüísticos

Enunciado 1

		FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS			Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
A	Matutino	Feminino	3º	18-22	50%	67%	-	-
				16-17	-	-	22%	-
		Masculino	1º	18-22	-	-	-	75%
	Noturno	Feminino	1º	14-15	-	-	-	28%
			3º	16-17	-	42%	-	-
		Masculino	1º	18-22	67%	-	33%	-
		3º	16-17	-	42%	-	-	
PARA	Matutino	Feminino	3º		-	-	-	50%
				18-22	-	75%	75%	-
		Masculino	3º		67%	-	-	-
	Noturno	Feminino	1º	14-15	-	-	33%	-
				16-17	-	-	-	65%
Masculino	3º	18-22	44%	-	-	-		
PRA	Matutino	Feminino	1º	14-15	19%	-	-	-
				16-17	-	30%	-	-
			3º	18-22	-	-	67%	-
		Masculino	1º	16-17	22%	-	-	48%
			3º	18-22	-	-	67%	-
	Noturno	Feminino	1º	14-15	-	-	-	50%
				18-22	-	-	74%	-
		Masculino	1º		-	67%	-	-
3º			16-17	32%	-	-	-	
NA	Matutino	Feminino	1º		-	20%	-	-
				16-17	-	20%	-	-
			3º		-	-	33%	33%
	Masculino	1º	18-22	25%	-	-	-	
			3º		-	-	33%	-
			1º	14-15	44%	-	-	-
Noturno	Feminino	1º	18-22	-	43%	86%	-	
			1º		-	-	-	100%

Enunciado 2

FATORES NÃO LINGUÍSTICOS					Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
A	Matutino	Feminino	3º	18-22			33%	
			1º	16-17		61%		
		Masculino	1º	18-22				100%
	Noturno	Feminino	3º	16-17	52%			
			1º	18-22	67%	67%	35%	
		Masculino	3º	18-22				45%
PARA	Matutino	Feminino	3º	18-22				83%
			1º	16-17	57%			
		Masculino	1º	18-22		75%	75%	
	Noturno	Feminino	1º	16-17			35%	
			1º	18-22	67%	67%		
		Masculino	3º	18-22				45%
PRA	Matutino	Feminino	1º	16-17		40%		
			3º	18-22			33%	
		Masculino	1º	18-22	50%			
	Noturno	Feminino	3º	16-17				33%
			1º	18-22			33%	
		Masculino	1º	14-15			28%	
Masculino	3º	18-22		48%	48%		37%	
	3º	18-22	32%	48%				
NA	Matutino	Feminino	1º	14-15		18%		
			3º	16-17				40%
		Masculino	3º	18-22	33%		67%	
	Noturno	Feminino	3º	18-22	33%			
			1º	14-15				33%
		Masculino	1º	16-17		27%		
3º	18-22	29%		56%				
Masculino	3º	18-22			56%			

Enunciado 3

FATORES NÃO LINGÜÍSTICOS				Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
A	Matutino	Feminino	3º	18-22	83%		75%
		Masculino	1º				
			3º				
	Noturno	Masculino	1º	16-17	67%	33%	67%
			18-22				
PARA	Matutino	Masculino	1º	18-22	100%	75%	33%
			3º				
	Noturno	Feminino	1º	14-15	50%	45%	44%
			3º	16-17			
		Masculino	1º	18-22			100%
PRA	Matutino	Feminino	3º	16-17	67%	72%	50%
				18-22			
	Noturno	Feminino	1º	16-17	56%	45%	49%
			3º	18-22			
		Masculino	1º	16-17		21%	
NA	Matutino	Masculino	1º	16-17	35%	35%	35%
				18-22			
	Noturno	Feminino	1º	14-15	71%	41%	44%
				18-22			
		3º	18-22			57%	

Enunciado 4

FATORES NÃO LINGUÍSTICOS				Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
A	Matutino	Feminino	3º	18-22	100%	50%	50%
		Masculino	1º				50%
		Masculino	3º				50%
	Noturno	Feminino	1º	14-15	67%	52%	33%
		Feminino	3º	18-22			
		Masculino	1º	16-17 18-22			32%
PARA	Matutino	Feminino	3º	18-22	67%	50%	
		Masculino	3º	18-22	67%	67%	67%
	Noturno	Feminino	1º				
		Feminino	1º				
		Masculino	1º				
		Masculino	3º				
PRA	Matutino	Feminino	3º	16-17 18-22	41%	50%	17%
		Masculino	3º	16-17	39%		
		Masculino	3º				
	Noturno	Feminino	1º				
		Feminino	1º				
		Masculino	3º				
NA	Matutino	Masculino	1º	14-15	75%	23%	43%
			1º	16-17			
			1º	18-22			
	Noturno	Feminino	1º				
			1º				
			Masculino	3º			

Enunciado 5

FATORES NÃO LINGUÍSTICOS				Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
EM	Matutino	Feminino	1º	14-15	86%	100%	
			3º	16-17		100%	
			18-22	100%			
	Noturno	Feminino	1º	14-15	82%		100%
			3º	18-22	93%		
		Masculino	1º	16-17	100%		100%
A	Matutino	Feminino	1º	14-15	75%	75%	55%
			3º	18-22			67%
		Masculino	1º	16-17			45%
	Noturno	Feminino	1º	18-22	48%		
			3º	16-17			
		Masculino	1º	16-17	23%		

Enunciado 6

FATORES NÃO LINGUÍSTICOS				Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
EM	Matutino	Feminino	1º	16-17	83%	90%	
			3º	18-22		100%	
		Masculino	1º	18-22		100%	
	Noturno	Feminino	1º	18-22	100%	100%	86%
			3º	16-17		77%	
		Masculino	1º	16-17	75%	100%	75%
A	Matutino	Masculino	1º	18-22	75%		75%
		Noturno	Feminino	1º	18-22		57%
	Masculino		1º	14-15		75%	
			3º	16-17		64%	

Enunciado 7

FATORES NÃO LINGUÍSTICOS					Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
EM	Matutino	Feminino	1º	14-15		58%		
		Masculino	3º	16-17	88%		90%	80%
	Noturno	Feminino	3º	16-17		46%	43%	
		Masculino	1º	14-15 16-17	68%			41%
A	Matutino	Feminino	3º	16-17				83%
		Masculino	1º	18-22	100%	100%	100%	
	Noturno	Masculino	1º	18-22	100%	100%	100%	
			3º	18-22				88%

Enunciado 8

FATORES NÃO LINGUÍSTICOS					Mais Correta	A mais fácil de entender	A mais freqüente na fala dos outros	A mais freqüente na sua fala
EM	Matutino	Feminino	1º	16-17			80%	
			3º	18-22				67%
		Masculino	1º	18-22	100%			
	3º		18-22		67%			
	Noturno	Feminino	1º	14-15	78%			
			3º	18-22		59%	93%	
Masculino		1º	18-22				100%	
A	Matutino	Feminino	1º	14-15			86%	
			3º	18-22	50%	83%		
	Noturno	Feminino	1º	14-15 18-22			44%	
			Masculino	3º	16-17	71%	90%	